



pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

O que significa verdadeiramente servir?
A alma olha à frente resolutamente

Paulo de Tarso

Vesna Krmpotić:

Agora, somente agora

Som da alma

Física Quântica e espiritualidade

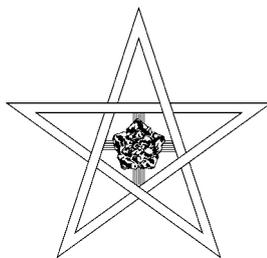
A ciência sagrada individual

A *Edda*: Do combate dos deuses

Resenha de livro:

P.D. Ouspensky

A estranha vida de Ivan Osokin

**Editor responsável**

A. H. v. d. Brul

Linha editorial

P. Huis

Redatores

C. Bode, A. Gerrits, H.P. Knevel, G.P. Olsthoorn,
A. Stokman-Griever; G. Uljée, I.W. van den Brul

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: pentagram.lr@planet.nl

Edição brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Administração, assinaturas e vendas

Pentagrama Publicações
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP
livros@pentagrama.org.br
assinaturas@pentagrama.org.br
Assinatura anual: R\$ 80,00
Número avulso: R\$ 16,00

Responsável pela Edição Brasileira

M.V. Mesquita de Sousa

Coordenação, tradução e revisão

J.C. de Lima, A.C. Pieranton, M.M. Rocha Leite,
A.S. Abdalla, A.C. Gonzales Jr., L.M. Tuacek,
M.L.B. da Mota, L.A. Nepomuceno, M.D.E. de Oliveira,
M.B. Paula Timóteo, A.L.D. Fróes, M.R.M. Moraes,
R.D. Luz, F. Luz

Diagramação, capa e interior

L.F. Escosteguy

Terceira capa

M. Jackson Neves

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & FAX: (11) 3208-8682
www.rosacruzaura.org.br
info@rosacruzaura.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaura.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta.

Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

É em sentido um tanto incomum que a poetisa Vesna Krmpotić apresenta a si mesma num dos artigos desta edição da revista **Pentagrama**:

“Descobrir quem eu era e quem sou: afinal, tudo gira ao redor desse ponto essencial. Como descobrir? Cantando! E é isso que faço. Descobrir quem somos e entrar no reino dos céus: tal é a finalidade comum a todos e a única verdadeira vocação digna do homem.”

Este número da revista **Pentagrama** tentará contribuir na busca pelo si mesmo. Ao longo de vias muito divergentes, veremos os sinais de uma atividade espiritual: na história, na Bíblia, no presente atual, na Europa e fora da Europa e mesmo na Física Quântica, ainda tão pouco compreendida – na busca da alma, na busca do que nos mantém jovens interiormente.

“Existe outra juventude e outra idade além da que é medida em anos desde o nosso nascimento natural. Alguns pensamentos sempre nos encontram jovens e nos mantêm assim”, afirma o autor americano Ralph Waldo Emerson.

Seria isso real? Uma juventude e uma idade totalmente diferentes, independentes do corpo, mas que o preenchessem totalmente?

É possível que possamos aprofundar nossa compreensão nos artigos sobre Física Quântica e espiritualidade, e também na profundidade de Lao Tsé, ao ler o que ele escreve no *Tao Te King*:

“O Tao é vazio, e suas radiações e atividades são inesgotáveis. Oh! Quão profundo ele é. Ele é o Pai original de todas as coisas. Ignoro de quem ele possa ser Filho. Ele era antes do supremo Deus”.

ano 33 número 6 2011

sumário

a sabedoria da *fama fraternitatis*
o que significa verdadeiramente servir?
j. van rijckenborgh 2

alocução durante a conferência dos obreiros do trabalho da mocidade, 2011

a alma olha à frente resolutamente 6

quando eu quero fazer o bem, o mal está ao meu lado

luz sobre damasco
sobre paulo de tarso 8

agora, somente agora – o som da alma

vesna krmpotić 16–18

física quântica e espiritualidade 19

a ciência sagrada individual 26

a madona negra 31

edda: do combate dos deuses

homens de lança e a fonte de mimir 35

resenha de livro: *a estranha vida de ivan osokin*

repetições sem sentido
p.d. ouspensky 40

Capa: cientistas reúnem dados de todas as disciplinas científicas em grandes sistemas de computação (*clusters*), nos quais testam seus modelos. Essa imagem, feita com o auxílio da ciência da computação, tem relação com modelos da Física Quântica. © DCSC, Copenhague

o que significa verdadeiramente servir?

J. van Rijckenborgh

A verdadeira história original da descoberta do homem divino profundamente iluminado, Irmão Cristão Rosa-Cruz é a seguinte:

Há um aluno que tem suficiente conhecimento dos mistérios para compreender o que se espera dele. Disposto de suficiente qualidade de alma, conquistada a serviço do amor, ele decide seguir o caminho indicado por Proteus, o servidor de Netuno. Ele deixa sua casa para adquirir a verdadeira salvação, e põe-se a caminho a serviço da bondade, verdade e justiça. E, imediatamente, vêm as provas, duras provas. Ele precisa aprender a perder a si mesmo inteiramente, entregar-se totalmente, no altar do serviço. Ele deve transmutar sua natureza inferior completamente, purificando-se inteiramente na força de Cristo, seu Senhor. Ele deve compreender que essa purificação em Cristo não depende absolutamente de uma autoridade dogmática com rosto piedoso, mas de um esforço heróico, uma empreitada terrível, de intensa dor. É uma morte segundo a vida inferior, uma morte segundo a natureza. O aluno deve aprender que essa descida é apenas aparente, uma morte aparente como diz Cristo, quando fala de Lázaro: “Esta enfermidade não é para a morte, mas para a glória de Deus”, a fim de que o Deus interior, o ser verdadeiro, Netuno, Cristão Rosa-Cruz, seja glorificado por ela, seja despertado para a vida. Vemos isso acontecer em nossa história. O aluno, vamos chamá-lo de Irmão A., herdeiro por vocação, isto é, herdeiro da salvação, da verdadeira salvação em

Jesus Cristo, morre. Ele perece completamente, ele expira na *Gallia Narbonensis*, ou seja, no país das duras provas. E dele, da tumba da natureza inferior, eleva-se seu sucessor, um novo homem, um Lázaro, o que quer dizer “o homem desassistido”. Poderíamos também chamar esse homem de “homem sem nome”, pois ele já não quer ser um “eu”, apesar de ninguém ter personalidade mais forte do que ele. Ele é e não quer ser mais do que um servidor da humanidade. Esse Irmão N.N., o impessoal, o renascido segundo o espírito, escutou a palavra de advertência de Cristo: “Aquele que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo”. Eis o meio de progredir na senda: auxiliar o mundo inteiro e conduzi-lo à vida. É assim que o irmão renascido chega na Ordem e, depois de ter terminado seu discipulado, planeja partir em viagem. Quando sois assim renascidos, ressuscitados do mundo inferior, libertados do egoísmo pela morte na *Gallia Narbonensis*, somente então estais prontos para partir nessa viagem para divulgar o evangelho e curar os enfermos; então sois penetrados por uma nova vocação e sois chamados de “arquitetos”, isto é, construtores, francomçons. E todos os que se dizem francomçons devem compenetrar-se bem do fato de que o verdadeiro francomçon é aquele que morreu para a natureza inferior na *Gallia Narbonensis*. Somente este último pode ser útil



J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri, fundadores da Escola Internacional da Rosacruz Áurea, descreviam e explicavam para alunos e interessados, muitas vezes com base em textos originais da Doutrina Universal, o caminho que leva à libertação da alma, do qual foram um exemplo vivo.



Faiança decorativa de rosas e pássaros, Xiraz (Fars), Irã (antiga Pérsia). Uma das mais antigas cidades do Irã, Xiraz era chamada “a cidade das rosas e dos rouxinóis”

Portanto, ai está a verdade e o relato fiel da descoberta do homem de Deus altamente iluminado, Irmão C.R.C:

Depois do falecimento pacífico de A. na *Gallia Narbonensis*, nosso Irmão bem-amado N.N. assumiu o seu lugar. Por ocasião de sua instalação entre nós, como juramento solene de fidelidade e segredo, ele nos relatou confidencialmente que A. lhe havia dado esperanças de que esta Fraternidade logo não seria tão secreta, mas seria para a pátria inteira, a nação alemã, auxiliadora, necessária e digna de louvor – algo que ele, N.N., em sua posição, não teria a menor razão de se envergonhar. No ano seguinte, quando estava terminando seu discipulado e teve a chance de

viajar com um viático considerável, ou uma bolsa da Fortuna, pensou – sendo um arquiteto extremamente bom – em modificar um pouco essa construção e arranjá-la de uma forma mais cômoda.

No decorrer desse trabalho de renovação, ele encontrou a placa comemorativa, fundida em latão, que continha os nomes de cada membro da Fraternidade e algumas outras inscrições. Ele quis transferi-la para debaixo de uma abóbada diferente e mais bem adaptada, uma vez que os antigos haviam guardado o segredo do lugar e do momento da morte do Irmão C., assim como do país onde ele poderia estar enterrado; e nem nós tínhamos conhecimento disso. Nessa placa comemorativa sobressaía

um grande prego. Ao ser extraído com grande força, ele trouxe consigo uma parte bastante grande da fina parede, ou revestimento, que recobria a porta secreta, revelando, assim, uma passagem inesperada, a partir da qual pusemos abaixo o resto da alvenaria. Com alegria e impaciência limpamos a porta, onde se encontrava escrito em grandes letras, na parte superior:

“Depois de cento e vinte anos serei aberta”.

Abaixo estava a data. Rendemos graças a Deus e, na mesma noite, deixamos tudo no lugar, porque queríamos primeiro consultar nossa Rota.

Fama Fraternitatis, 1614

à humanidade, porque ele sacrificou voluntariamente seu “eu”, segundo a exigência do Evangelho.

Agora podereis compreender que somente um aluno como esse, que chegou a esse ponto, pode ir mais longe! Sem que ele tenha se submetido a esse processo natural, a iniciação não passa de uma fantasia criminosa. Por toda parte existem milhares de “iniciados” como esses, que passam por profetas ou por seres muito avançados, enquanto que sua vida real é diametralmente oposta à exigência da construção. Todos esses iniciados especulam interminavelmente sobre o misticismo e o dogmatismo e tagarelam sobre o amor, sobre Deus e sobre Cristo. [...] Quem realmente quiser ajudar o mundo deve ser arquiteto, francomaçom; deve passar a sê-lo, seguindo o método esboçado na Fama: morrer, perecer na *Gallia Narbonensis* – país da provação, segundo a exigência do cristianismo evangélico. O caminho de iniciação agora está aberto diante do herói simbólico de nossa história. Como autoconstrutor, como autorrealizador, ele está ativamente ocupado com as transformações de seu próprio edifício, para torná-lo cada vez mais bem adaptado ao serviço que deve realizar.

Enquanto está ocupado com esse trabalho de renovação interior, ele encontra a placa comemorativa, fundida em latão, que traz os nomes dos irmãos e muitos outros detalhes.

Em sentido esotérico, o latão é o metal espiritual, a posse espiritual dos valores de Vênus e Júpiter, da alma emocional e da alma consciente, a partir da transmutação da natureza amorosa, pelo serviço amoroso à humanidade, em abnegação – o que exprime bem o realismo cristão. Essa transmutação, essa fusão, purifica vossa faculdade de pensamento e constitui uma placa comemorativa, colocando-vos em condição de compreender cada vez melhor os axiomas e a Arte Real. Quando, como nosso herói, estais ocupados com a autoconstrução impessoal, descobris de repente a placa comemorativa de latão; vossa faculdade de pensamento é brusca-mente capaz de ver e assimilar as onipresentes abstrações divinas e vosso ser é preenchido por um saber que ultrapassa todo conhecimento terrestre. O aluno, preenchido de uma alegria inexprimível por essa dádiva divina, apodera-se dessa sabedoria a fim de depositá-la em um lugar melhor: seu coração. Com lágrimas de gratidão, erguendo em seu coração um altar,



Vestígios da ponte romana de São Tibério, situada perto da Via Domitia. A Via Domitia ligava a Itália à Espanha através da *Gallia Narbonensis* e da atual Provença (sul da França)

ele cai em adoração diante do incompreensível amor divino que se comunica com ele e quer gravar seu mistério sobre a placa comemorativa de latão. É nesse momento que ele encontra o local maravilhoso. Quando, na *Gallia Narbonensis*, o renascido vai festejar sua união com o pensamento abstrato manifestado nele, quando ele o entende para efetuar a renovação de seu coração, então esse ponto único e maravilhoso é arrancado como um prego, para, em seguida, ser vivificado. Esotericamente, esse ponto também é chamado o sexto prego, ou a sexta corda, corda pela qual Cristão Rosa-Cruz, de acordo com *As núpcias alquímicas*, é içado para fora do poço. Os outros cinco pontos devem ser identificados com as cinco pontas do pentagrama, os cinco

pontos do corpo-alma. Assim é liberada a porta do sepulcro de Cristão Rosa-Cruz, o sepulcro do Cristo interno; as paredes são demolidas com júbilo e o “batei e abrir-se-vos-á” é cumprido. E sobre a porta está escrito em grandes letras: Depois de 120 anos serei aberta. Cento e vinte é o número de Proteus, o servidor de Netuno, o número da verdadeira salvação que é obtida quando seguimos os passos de Cristo. Assim possamos nós entrar no sepulcro de nosso Pai Cristão Rosa-Cruz. ☸

Fontes:

Rijckenborgh, J. van. *O chamado da Fraternidade da Rosacruz*. Jarinu: Rosacruz, 2004, p. 213–4 e p. 221–5.

a alma olha à frente resolutamente

Todo ano, os obreiros do Trabalho da Mocidade do Lectorium Rosicrucianum reúnem-se em diferentes lugares na Europa e no Brasil com o propósito de preparar as semanas de verão para crianças e adolescentes. Reproduzimos abaixo o texto da alocação realizada durante uma dessas reuniões, no curso da qual os alunos tentaram dar uma dimensão prática à noção “estar a serviço do amor”.

O Trabalho da Mocidade do Lectorium Rosicrucianum tem por objetivo manter vivo em cada criança e adolescente o grande anseio, uma consciência desperta e viva para o “outro”, o contato com a alma do mundo.

Trata-se do contato com a vida original que se comunica ao interior, ao coração receptivo. É a energia potente e viva da Luz que, sem trégua nem repouso, permeia nosso trabalho. O autor americano Emerson afirma:

“[...] Existe outra juventude e outra idade além da que é medida em anos desde o nosso nascimento natural? Alguns pensamentos sempre nos encontram jovens e nos mantêm assim. Um deles é o amor à beleza universal e eterna. Qualquer homem separa-se desse pensamento profundo sentindo que ele deve pertencer mais aos séculos que a da vida mortal. [...] Diante das revelações da alma, tempo, espaço e natureza recuam. Na fala comum, atribuímos todas as coisas ao tempo. [...] O que agora consideramos fixo terminará por destacar-se, como frutos maduros, de nossas experiências. E ninguém sabe para onde o vento os carregará. [...] Mas a alma olha sempre à frente resolutamente, criando diante de si um mundo novo e deixando mundos para trás. Não tem datas, nem ritos, nem pessoas, nem peculiaridades, nem homens. A alma conhece apenas a alma; a teia dos eventos é o manto flutuante com o qual ela se veste.” (Emerson, *Ensaíos*)

Vivemos esses raros momentos quando sentimos essa força profunda, quando nos confun-

dimos com esse “olhar da alma”, quando nos unimos a ele. Vivemos esses momentos quando provamos que o Amor é tudo – e liga tudo. Isso pode acontecer numa fração de segundos, tal como descreve Paulo. Ou como uma tempestade que nos engolfa e impulsiona até compreendermos a vida como uma aprendizagem contínua, cujo olhar se dirige sempre para o novo, o mais claro, o mais elevado.

J. van Rijckenborgh escreve em *A Gnosis original egípcia*: “Imaginal que uma criança nasça dotada de alma original. Quando essa alma se liga ao corpo, ela encontra a maldade que é una com a natureza dialética. Agora, trata-se de saber se ao desenvolver-se, ao tornar-se mais velha e tiver de enfrentar a vida, a criança lutará contra essa maldade, que está dentro dela, ou se a aceitará incondicionalmente e se deixará conduzir ao longo das linhas de menor resistência. Estamos sujeitos, como entidades-almas, a toda a ditadura do homem corpóreo; por conseguinte, a alma ameaça sucumbir, morrer.” J. van Rijckenborgh define Gnosis como o saber vivo, o conhecimento essencial dentro de nós, a única coisa que possui dimensão para opor-se a essa ditadura. É sobre essa base que tentamos estabelecer o Trabalho da Mocidade. Sobre ela, desde a mais tenra idade, as crianças podem fundamentar sua compreensão do mundo e da vida. Feliz o menino e a menina que sonham, que podem maravilhar-se, ou que conhecem pessoas incomuns, marcantes, divertidas e buscadoras em seu ambiente – como são frequentemente os obreiros do Trabalho da Mocidade! Felizes as crianças que podem participar de uma

ALOCUÇÃO DURANTE A CONFERÊNCIA DOS OBREIROS DO TRABALHO DA MOCIDADE, 2011

semana da mocidade! Neste projeto específico, e sob orientação consciente dos obreiros, a sensibilidade receptiva da criança permite-lhes entender e refletir todo um mundo por nosso intermédio. As atividades múltiplas e diversificadas para as crianças levam em consideração sua alegria de viver, sua curiosidade e seus mais variados interesses e até mesmo sua distração, na esperança de que, à medida que cresça, a criança passe de uma percepção exterior para um saber interior próprio.

Desse modo, a criança aprende a reconhecer que:

- a todo instante, um novo desenvolvimento inicia-se em toda a natureza assim como nela mesma;
- aonde quer que ela olhe na natureza, cada início, cada semente, contém a totalidade;
- é assim que a natureza oferece sempre novas possibilidades. Trata-se de uma fé acompanhada de esperança;
- sem esperança, ela não pode compreender a possibilidade. Toda esperança contém uma expectativa;
- o velho provérbio “a esperança faz viver” implica também que é possível para ela, mediante essa esperança, atingir os valores essenciais da vida.

Saber, esperar, agarrar as possibilidades é parte integrante da nova vida da alma. São os fundamentos do desenvolvimento interior da criança. Se, durante esse período importante da vida, com o Trabalho da Mocidade, chegarmos a estimular esses fundamentos, a criança experimentará o amor e poderá, por sua vez, mais tarde, irradiar esse amor. Dizemos que Deus é

amor, e que o amor é o material de construção de nosso universo. É verdade!

O amor não é uma nuvem rosa de sonhos, mas um material de construção. É uma força com a qual trabalhamos. Essa força comporta dois aspectos: harmonia e responsabilidade.

No homem, o amor nasce da compreensão; é a consequência da experiência de vida, do comportamento e da verdade. Uma vez que em amor ao próximo o homem trabalha corpo e alma, a compreensão nasce com base na verdadeira essência. Essa constante é válida para as semanas de verão vindouras. Quem deseja penetrar o amor e colocá-lo em prática, não deve contentar-se com teorias. Deve ser prático, irradiar harmonia e assumir responsabilidades. E tudo acontecerá, não é difícil.

Encerramos com um trecho do poema que aparece no quinto dia do livro *As núpcias alquímicas de Christian Rozenkreuz*, de J. van Rijckenborgh:

*O que permite a tudo vencer?
O Amor,
Como se pode encontrar amor?
Pelo Amor.
Como se revelam as boas obras?
Em amor.
Quem pode unir os dois?
O Amor.*

*Em eternidade então essa dor
com alegria se transformará
para milhares ainda jovens,
mesmo que isso possa
no tempo mil anos levar* ✪

luz sobre damasco

Antes de tornar-se o célebre apóstolo Paulo, Saulo de Tarso era conhecido como um perseguidor fanático das primeiras comunidades cristãs. As distâncias não importavam para ele quando se tratava de eliminar algumas dessas comunidades

Para participar de uma das perseguições, ele tomou um dia o caminho para Damasco, onde vivia uma dessas comunidades. Mas, ao aproximar-se da cidade, subitamente Saulo teve a visão de uma luz celeste resplandecente que o cegou, fazendo-o perder o controle do cavalo e cair. Numa antiga versão da Bíblia (holandesa), em *Atos dos Apóstolos*, podemos ler:

“Entretanto, Saulo, respirando ainda ameaças de morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de, caso encontrasse seguidores daquela doutrina, homens ou mulheres, levá-los presos a Jerusalém. Estando a caminho e aproximando-se de Damasco, subitamente, uma luz vinda do céu resplandeceu ao seu redor. Ele caiu por terra, e ouviu uma voz que dizia: ‘Saulo, Saulo, por que me persegues? Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões’.

Ainda caído sobre a areia do deserto, rodeado de seus atônitos guerreiros e cavalos que relinchavam, Saulo perguntou: ‘Quem és tu, Senhor?’ E a voz disse: ‘Eu sou Jesus, que tu persegues!’ Ainda trêmulo, ele falou: ‘O que queres que eu faça?’” Segundo os *Atos dos Apóstolos*, esse incidente crucial transformou o perseguidor Saulo no apóstolo Paulo, o grande defensor e inspirador do conhecimento dos mistérios cristãos. O apóstolo Paulo expandiu, desde a Bacia do Mediterrâneo até Roma, o antigo ensinamento (egípcio) das duas ordens de natureza que Jesus Cristo havia reintroduzido. O que parece loucura aos olhos dos homens, pode ser sabedoria diante de Deus.

Além de suas múltiplas viagens, sabemos que Paulo escreveu numerosas epístolas de sustentação, esclarecimento e estímulo às comunidades cristãs do Oriente Próximo. No fragmento a seguir, extraído de sua sétima epístola, a Epístola aos Romanos, ele trata da questão do “desejar o bem, mas fazer o mal”. O que quer dizer Paulo com as palavras: “Quando quero fazer o bem, é o mal que faço”?

“Porque bem sabemos que a lei é espiritual, mas eu sou carnal, vendido ao pecado. Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero, isso não faço, mas o que odeio, isso faço. E se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. De maneira que agora já não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim. De sorte que acho esta lei em mim; que quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor! Assim, pois, pelo entendimento sirvo a lei de Deus, e pela carne, a lei do pecado”.

Certamente, para o homem de hoje essa linguagem parece antiquada, no entanto, a linguagem de antigamente enriquecia a profundidade do conteúdo e, em alguns aspectos, era a chave para uma melhor compreensão. Nos círculos religiosos, esse texto é em geral compreendido como segue: desde que, de uma maneira ou de

QUANDO EU QUERO FAZER O BEM, O MAL ESTÁ AO MEU LADO



A conversão de Paulo gravura em cobre do célebre artista Jan Luiken, que foi o primeiro a traduzir para o holandês *A aurora nascente*, de Jacob Boehme, Amsterdã, Joh. Covens e Corn. Mortier, Edição de 1729. K.U. Leuven, Biblioteca Maurits Sabbe

“Como um burro diante da carroça”

“Saulo, Saulo, por que me persegues? Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões.”

Outras passagens, como em *Atos dos Apóstolos* 9:3-4, apresentam algumas variantes desse acontecimento: “uma luz vinda do céu brilhou ao redor dele. Ele caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?” Em *Atos dos*

Apóstolos 22:7, quando Paulo explica diante do Sinédrio o que lhe aconteceu, fala-se apenas da voz que lhe fez a mesma pergunta: Por que me persegues?

Então, por que, em *Atos dos Apóstolos* 26:14, em seu segundo colóquio – diante do rei Agripa e sua esposa Berenice –, Paulo atribui à voz celeste esse longo comentário? Essa questão já foi abordada na *Idade Média* quando alguns copistas acharam que

o texto original deveria conter um erro. Mas o autor dos *Atos dos Apóstolos* conhecia isso de que testemunhou.

Façamos nós, agora, a pergunta: o que eram esses aguilhões, o que significavam?

A palavra “aguilhão” era própria dos charreteiros, dos cocheiros, que tinham por hábito fixar na frente da charrete um bastão pontudo provido de espinhos e usado para picar as patas traseiras

outra, eu quero agir bem, o mal (ou o oposto) manifesta-se no mesmo instante. Independente do fato de que esse trecho tenha um sentido muito diferente – o que nos propomos demonstrar em seguida – é forçoso observar que fazer o bem, em sentido humano, evoca e provoca o efeito contrário. Hermes Trismegisto afirma que o bem deste mundo é a menor parte do mal. Os gnósticos são unânimes a esse respeito: “sob a lua, o bem absoluto não existe!” Fazer o bem pode desencadear o mal, pois trata-se de um bem “da árvore do conhecimento do bem e do mal”. O bem e o mal são frutos de uma única e mesma árvore.

Os habitantes da pequena cidade de Staufen, no sul da Alemanha, vivem um pesadelo. No mesmo lugar onde, no século XV, o diabo teria dominado Fausto (personagem da obra de Goethe), o solo sob a antiga cidade levanta-se lentamente, rachando ruas e casas. A causa? Durante o ano de 2006, com base em princípios ecológicos justificáveis, perfurações de mais de 100 m, conduzidas pela Prefeitura Municipal da cidade,

buscavam encontrar vapor quente que poderia ser convertido em energia elétrica (energia geotérmica – energia limpa). A intenção era boa. A broca atingiu um lençol freático a 140 m de profundidade, e acidentalmente a água infiltrou-se em uma camada de anidrita (mineral composto de sulfato de cálcio). Quando a anidrita entra em contato com a água, reage lentamente formando gesso, aumentando seu volume em 50%. Assim, desde 2007, o solo de Staufen sofre um impulso lento, mas seguro, para cima, na razão de um centímetro por mês. Como consequência, centenas de casas e também a Câmara Municipal foram danificadas e ficaram inabitáveis. O prefeito e a população de Staufen ainda não resolveram seus problemas!

Contrariamente, uma desgraça pode trazer uma bênção. Numerosos são os casos de pessoas para as quais um acidente ou uma doença grave foram salutares porque uma abertura pôde produzir-se neles para que se tornassem conscientes de um sentido superior em sua vida. Não há dúvida de que cada um pode confirmar esse propósito

dos animais, quando eles parassem. Assim, literalmente "agulhoados", eles voltavam a caminhar. Bela imagem!

Como Saulo, quem se opõe a Deus coloca literalmente em si mesmo "um bastão nas rodas". Essa imagem é também muito antiga. Paulo aqui se refere ao poeta e dramaturgo grego Eurípides.

Em sua obra *As bacantes*, Eurípides coloca em cena um rei que se opunha à introdu-

ção do culto a Dionísio. Este último aparece em pessoa e compara esse rei a um asno picado por um agulhão (*As bacantes*, 793–5).

A citação de Paulo é muito apropriada, sobretudo porque na Antiguidade muitos pensavam que Dionísio e o Deus dos judeus eram a mesma entidade.

Lembremo-nos, que sobre as moedas dos judeus estava cunhado um cacho de uvas,

imagem sempre associada a Dionísio.

Diante do Sinédrio, onde se achavam reunidos os judeus piedosos, que nada sabiam sobre teatro grego, Paulo não precisava de delongas. Mas ao contrário, junto a Agripa e Berenice, totalmente helezados e desejosos de saber mais, Paulo apresentou sua narrativa de maneira um pouco diferente.

citando outros exemplos, mas na verdade Paulo procura fazer-nos compreender outra coisa. Sendo assim, releemos novamente o trecho indicado da *Epístola aos Romanos*. Duas leis, dois fenômenos aqui se opõem. De um lado: a lei que é espiritual, ou seja, a vontade de fazer o bem que está no Noûs, a lei da alma, a "lei de Deus no homem interior". De outro lado: "o pecado que habita em mim, em minha carne" e me impele a fazer o mal, mas que eu não quero; em outros termos: "há outra lei em meus membros, a lei do pecado que me aprisiona". Assim, quando Paulo diz "Se quero fazer o bem, o mal está junto a mim", a explicação está no versículo 16: com o Noûs (alma-espírito que pertence à natureza divina) eu sirvo efetivamente à lei de Deus (trata-se da mais profunda vontade, para cumprir esse verdadeiro bem), mas... com a carne, eu sirvo a lei do pecado (com a personalidade desta natureza que está inclinada a responder às leis deste mundo). Aqui, Paulo comprova sua impotência para realizar o "único bem" que é de "revestir-se do novo homem", pois ele não tem outra esco-

lha senão satisfazer as leis da natureza perecível. Assim como ele, o pesquisador consciente dessa situação somente pode suspirar: "Miserável homem que sou, quem me livrará do corpo desta morte?" (vers. 24 e 25)

Mas o momento virá quando a consciência for penetrada por essa nova energia: "Jesus Cristo, nosso Senhor, pelo qual agradeço a Deus". No capítulo 4 do livro *A Arquignosis egípcia* (t. 2), J. van Rijckenborgh esclarece que, enquanto não nascermos de novo segundo a nova alma, uma espécie de embriaguez obscurecerá nossa consciência. A atmosfera terrestre contém uma substância narcotizante que Hermes denominou de "maldade da ignorância". Ela impregna o sangue de tudo que é mortal, sim, mesmo cada átomo de nossa personalidade, com exceção de algumas partes da cabeça e do coração, que, mesmo assim, estão ameaçados. Paulo diz também, em uma de suas epístolas, que não é preciso lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra "as dominações do ar, os espíritos malévolos nos lugares celestes": a atmosfera. Assim,



qualquer pessoa que procura elevar-se termina nesse impasse que Paulo descreve de maneira esclarecedora: “Segundo a Luz que me toca, tenho prazer nela e quero fazer o bem, mas a força que surge nos meus membros, no meu sangue, prende-me, e, por conseguinte, faço o mal, o que é errado”. Àqueles que se encontram nessa fase, Hermes Trismegisto diz: “Parai e tornai-vos sóbrios! Vede, de novo, pelos olhos do vosso coração! Expeli de vós a palavra da ignorância (essa substância narcótica) com a qual vos embriagastes.” Entretanto, essa negação, arraigada em vosso tipo sanguíneo, não pode desfazer-se por simples decisão da vontade, dizendo por exemplo: “Já não vou fazer isto ou aquilo!” Que fareis, então? Partir em busca de uma autoridade para segui-

-la? Evidentemente não! Em nosso caminho, encontram-se indicadores, sob a forma de um ou outro enviado, sob a forma de literatura ou de acontecimentos. Assim como houve, no início da nossa era, comunidades gnósticas que reconheceram em Cristo sua missão interior e a cumpriram – a comunidade dos cátaros – assim também existem, em nossa época, comunidades espirituais que possuem e trazem a mesma assinatura. A Rosacruz moderna, por exemplo, nos indica esse autêntico caminho como guia interior, pois é a este último que ela nos incumbe de buscar. Podemos contemplar esse guia, esse “Outro em nós” – temporariamente desconhecido para nós – de maneira bem particular, fundamentados na alma-espírito, que é a união entre a consciência do espírito e o coração purificado. Quem encontrar esse Outro em si mesmo – que a Gnosis egípcia denomina de Pimandro – encontrará (no mesmo instante) como Paulo, o princípio de Cristo em seu interior.

J. van Rijckenborgh diz: “Quando abirdes o coração à Luz da Luzes, abrir-se-á a rosa-do-coração. Se através de todos os obstáculos, obedecerdes a essa Luz, a seu propósito e à sua natureza, vós a introduzireis em vosso sistema, onde ela vai circular em sentido oposto à corrente sanguínea turbadora. Então podereis firmar o núcleo da Luz no ‘coração celeste’, no espaço aberto atrás do osso frontal. Depois, Pimandro, o Deus em nós, vos conduzirá aos portais da

Cedo ou tarde, o núcleo de luz no “coração celeste” – o espaço da consciência atrás do osso frontal – será colocado em evidência

Gnosis, onde brilha a clara Luz, onde não há treva alguma, onde ninguém está embriagado, mas perfeitamente lúcido”. No livro *A Gnosis chinesa* (obra que esclarece e comenta o *Tao Te King* de Lao Tsé), J. van Rijckenborgh e C. de Petri escrevem: “Não podemos alcançar o Tao pelo pensamento, assim como não podemos atrair e dirigir o Tao por meio do poder magnético da vontade humana. O Tao não existe para nós enquanto personalidades humanas, mas para o Outro em nós”.

O campo vibratório do Tao – ou de Cristo, pois eles designam a mesma realidade – eleva-se em perfeição, atividade e poder, bem além do campo vibratório da nossa vida comum. O Tao comunica-se com um campo astral magnético absolutamente distinto do campo astral comum. O fato de que “modera seu brilho ofuscante e torna-se semelhante à matéria” deve ser compreendido como segue: O Tao alimenta o homem em queda com um amor infinito. Mas – como pessoa humana – nós não somos seres decaídos; somos seres-almas mortais.

Então, por que, no mais profundo de nosso ser, não nos sentimos em casa aqui neste mundo? Isso provém da reação do “Outro em nós”, do átomo-centelha-do-espírito, o princípio de Cristo. É a ele que Tao se dirige; é para ele que Tao se manifesta. Mas, para nós, seres do espaço e tempo, o Tao é o vazio. Todavia, pelo fato de o Outro, o ser divino, viver prisioneiro em nós,

somente poderemos libertá-lo colaborando para o seu despertar. Como seria isso possível? Pela autorrendição, isto é, anulando-se a si mesmo. Isso é dramático? Não, porque com essa autorrendição, nosso eu dialético rende-se ao Outro, dissolve-se nele. É a razão pela qual Paulo jubila: “Não mais eu, mas Cristo em mim”, assim como: “Eu devo diminuir, e ele – o Cristo em mim – deve crescer”. Ainda que ligados entre si, os homens vivem essa rendição do eu na solidão. É assim, porque o processo é diferente para cada candidato. Isso não deve inquietar ninguém, pois o Tao é inesgotável em sua radiação e em sua ação. O auxílio não falta ao peregrino que persevera: o Tao provê a cada um segundo seu estado. Somos verdadeiros candidatos? Eis a questão! A palavra “candidato” vem do latim *candidus* que significa “branco brilhante”. O candidato é, pois, revestido de branco. A cândida pureza de nossas motivações nos revela uma autorrendição verdadeira, autêntica? É somente então que o Tao, a Luz de Cristo, em sua ação plena de indulgência, vem até nós. Embora essa Luz esteja sempre em nós em estado latente, ela não pode penetrar-nos enquanto não tivermos compreensão de que nosso estado de ser está em trevas. É como exprime essa frase bíblica impressionante: “Se percorrermos uma milha em sua direção, ele percorre duas milhas para encontrar-nos”. Como agem essas radiações do Tao, esses raios da luz de Cristo? Lemos, no tomo 2 de *A Arquignosis*

Traduzir é trair...

No livro *Confessio da Fraternidade da Rosacruz*, os rosa-cruzes dizem o seguinte sobre a Bíblia: “Desde a origem do mundo, o homem não recebeu obra mais maravilhosa, mais grandiosa e mais salutar que a dos livros sagrados. Bendito seja aquele que os possui, mais ainda aquele que os lê, e, bem mais, aquele que aprende a conhecê-los em profundidade, enquanto que aquele que os compreende e se põe a seu serviço é, de todos, o que mais se assemelha a Deus”. Entretanto, todas as Bíblias

correntemente utilizadas não esclarecem a autenticidade e a profundidade de certas passagens do Novo Testamento, o que não facilita a justa compreensão.

Conforme as línguas, a situação é diferente em cada país. Nos Países Baixos, na edição de 1926, a antiga *Tradução do Estado* (*Statenvertaling*), datada de 1637, teve seu texto mantido, e podemos sentir-nos felizes por possuir essa Bíblia. O fato de essa Bíblia do Estado ter surgido em 1637 não teve nada a ver com decênios de

controvérsias entre os remonstrantes (opostos às ideias de uma predestinação absoluta, no sentido calvinista) e os antirremonstrantes, seguidas de uma luta por poder entre o sínodo de antirremonstrantes rigoristas e os regentes dos Estados Gerais dos Países Baixos. Foram estes últimos que acabaram por levá-la. Daí o nome de “Bíblia dos Estados Gerais”.

Nesse século XVII, com algumas exceções, todos os grupos de reformistas holandeses sabiam que seria preciso uma nova tradução da Bíblia, depois que

egípcia: “Quando o sol brilha e emite luz, os raios luminosos que ontem nos tocaram não são os mesmos que os de hoje. Os raios de ontem alcançaram o seu alvo, isto é, o nosso ser, e nele causaram determinado efeito se, de algum modo, estávamos abertos a eles. Os raios de luz de ontem desvaneceram em nós, morreram, desapareceram, dissolveram-se em nós. E hoje novos raios de luz chegaram até nós. [...] a Luz da Gnosis morre diariamente em vós após ter alcançado o seu objetivo, a transformação”.

Isso porque é somente por Cristo e em Cristo, pela luz da natureza divina, que o candidato poderá alcançar a vitória. Essa Luz da Gnosis irradia continuamente. Ela é a Luz do sol universal, o sol atrás do sol. Assim podemos ler na Bíblia que a morte e o sacrifício de Cristo se tornaram vida para nós. A Luz de Cristo irradia sem cessar. Ela sacrifica-se a cada dia por nós. Ela morre em nós tendo em vista a transformação e a transfiguração de nosso inteiro ser. E qualquer um que se abra a ela, com toda a pureza, tem parte nisso.

Paulo confirma com estas palavras: “Morrer em Cristo, depois despertar e vir a ser vivente em Cristo”. A radiação da Luz gnóstica faz morrer o velho homem e renascer o novo ser. Apenas dizer é uma coisa, realizar é outra! É o que Paulo explica, em sua epístola, quando escreve: “Quando eu quero fazer o bem, o mal está ao meu lado”. Em todos os tempos, em todos os continentes, os homens empreenderam essa tarefa vital. Daí a variedade de palavras e expressões para designar esse “Outro em nós”: “o lótus que surgiu da lama”, “o botão de rosa” ou “a semente Jesus que irrompe”, ou ainda “a lei interior do Espírito de Cristo que desperta novamente em nós”. Todas significam um só e mesmo átomo divino original, dentro de nosso sistema microcósmico, que brilha e irrompe em nova vida, tendo em vista um vir-a-ser eterno. De uma minúscula bolota pode crescer um gigantesco carvalho, assim como de um princípio de eternidade em nós pode surgir um ser eterno, divino e onipresente, uno com tudo e todos.

os católicos espanhóis fossem expulsos dos Países Baixos. Essa Bíblia dos Estados Gerais – traduzida principalmente do grego – na qual seis pastores eruditos trabalharam durante doze anos, foi logo editada e vendida (centenas de milhares de exemplares), pois tornou-se, em pouco tempo, um livro de culto e de ensinamento nas escolas, um livro de uso familiar e privado: um fenômeno perfeitamente novo, inimaginável e antes impensado, lido e narrado por toda parte com fervor. Como, indiscutivelmente, certa magia emana da Bíblia, sentia-se uma bênção, sem

falar de bênçãos maiores ainda ligadas à sua compreensão e ao seu uso prático.

De um lado, isso levava, no plano religioso e cultural, a uma futura unificação das províncias holandesas, e de outro, a um processo de individualização, que deu lugar gradualmente a um resplandecer da religião em múltiplas confissões.

No início do século passado, um grupo de teólogos julgou necessário proceder a uma nova tradução da Bíblia. Esses homens eruditos pretendiam não apenas fazer adaptações

estilísticas e linguísticas, mas, com melhor conhecimento do grego e do hebraico, fornecer uma tradução mais exata. Tudo isso levou à tradução NBG (Sociedade Bíblica Holandesa) de 1951, que se tornou a versão mais divulgada nas famílias e escolas. Nela encontramos modificações às vezes incompreensíveis, como, por exemplo, “querer” substituído por “desejar”, “alma” por “razão”, “eu sou carnal” por “eu sou carne”. Essas escorregadas verbais duvidosas nem sempre favorecem a boa compreensão do texto.

Todavia, se é verdade que uma lagarta traz em si o princípio da borboleta, nem todas elas se tornarão borboletas. Transformar a criatura humana – um Deus em seus princípios – em um homem de estatura divina não se faz sozinho!

Para concluir, eis uma semelhança surpreendente desse tema, que nos vem da Islândia. O livro do escritor islandês Halldór Laxness, *O concerto dos peixes*, apresenta um cantor islandês de renome mundial, Gardar Holm. O jovem islandês Alfrimur pergunta ao cantor se existe uma nota pura. Este lhe responde: “Existe uma só e única nota de todas as notas, aquela por excelência. Quem percebe essa nota já nada pergunta. O fato de que eu canto nada significa em si, mas, pense nisto: quando o mundo lhe deu tudo e, sobre suas costas, foi posto o juízo implacável da fama; e quando imprimiu a ferro e fogo, sobre sua frente, de maneira indelével, a marca dessa fama como a um malfeitor que ultrajou a humanidade, imagine então que não há outro recurso a não

ser esta prece: ‘Deus, tira-me tudo, menos esta única nota!’”

Essa nota pura e única em nós “é Deus”; e ela não poderá, portanto, ser retirada. Todo o resto, considerado como bom ou mau, pertence ao “homem miserável em seu corpo da morte”, que somos ainda por ora, e que deve ser retirado, por amor dessa única nota pura. Mas o Outro, essa nota pura e única, nos substituirá, se ao menos tivermos as mesmas disposições interiores de Paulo, e se não nos desviarmos, tristes, da prescrição de Jesus, o Senhor, a Luz interior, que diz: “Vende tudo que possuis e segue-me”. Desde que esse impulso interior, essa aspiração ao eterno em nós, seja bem forte, então, esse processo vital se tornará realizável. Cheios de esperança, podemos ter em vista nosso futuro espiritual com toda a confiança. Então, religados a toda a criação, estaremos prontos para realizar nossa missão de servir ao mundo e à humanidade ✪

agora, somente agora

Tu me perguntas como tudo começou.
Eu, porém, devolvo-te para o que não tem
começo, para o momento em que me perguntas
e te respondo.
Mas teimas em ir além do que não tem princípio,
queres resposta para tudo...
Contudo, não sou uma coleção de respostas!
Sou a única resposta vivente,
na qual a pergunta que és deve dissolver-se.

Vesna Krmpotić, *Som da alma*

A mente está sempre fazendo perguntas. Ela está constantemente ocupada com alguma coisa, como se a pergunta seguinte fosse a única resposta que trouxesse uma mudança essencial, uma iluminação. Existem muitas teorias sobre o mundo, a vida e seu início. Que sentido podem ter essas teorias para um buscador da verdade? O que significam para ele essas palavras, se a verdade situa-se além das fronteiras sensoriais e mentais? Para esse homem, as palavras são como balizas em um país onde nenhum caminho existe. Elas somente fazem sentido se indicam uma única direção, a que retorna para quem questiona; e retornam, então, cheias de significado, para quem as emitiu. Toda pergunta feita por um buscador verdadeiro volta-se

sempre para a mesma e única questão, sempre idêntica e atual: Quem sou? Quem é aquele que pergunta? Quem é aquele que não sabe? Se o questionador já não existisse, a ignorância deixaria de existir? Não é uma espécie de véu que se estende entre a matéria e o Espírito? Será por isso que é impossível ao Espírito manifestar-se livremente?

A iluminação não é acúmulo de conhecimento, mas eliminação da ignorância, do eu que nada sabe. Todavia, isso é possível no agora, porque tudo o que existe, existe apenas agora.

O tempo – o passado e o futuro – é o mundo, a existência da natureza-eu, ele é seu refúgio. O agora é insuportável para o eu. Se nos orientarmos de maneira contínua para a vida no agora, o eu relaxará seu domínio. Então, a alma poderá falar.

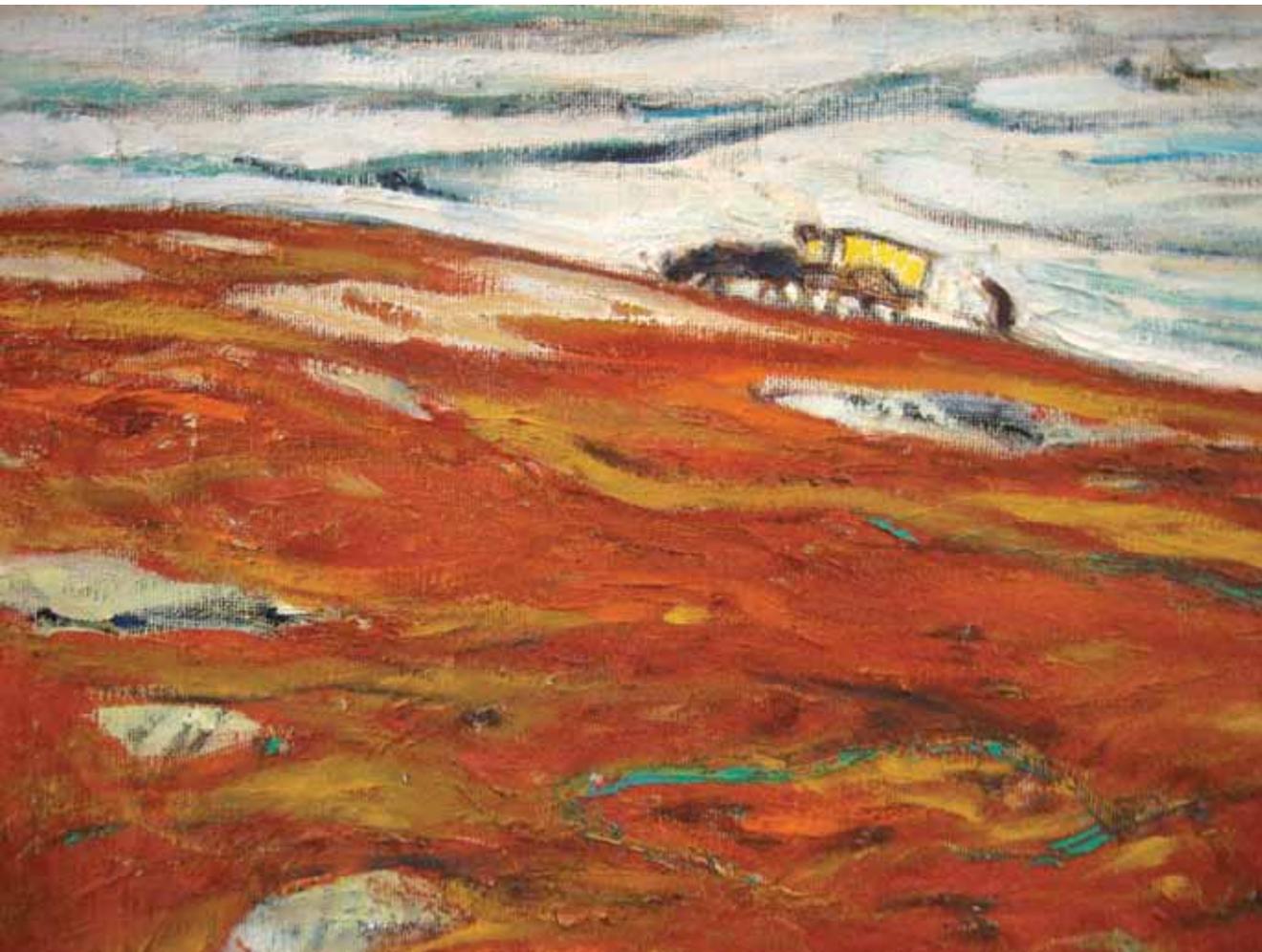
Biografia de Vesna Krmpotić (1932, Dubrovnik) segundo suas próprias palavras.

Credo

Ao amanhecer, com os pés descalços, comecei a cantar a fim de descobrir quem eu seria...

Descobrir quem eu era e quem sou: afinal, tudo gira ao redor desse ponto essencial. Como descobrir?

Cantando! E é isso que faço. Descobrir quem somos e entrar no reino dos céus: essa é a finalidade comum a todos e a única verdadeira vocação digna do homem. Minha vida, tu não a encontrarás somente em meu livro *Faraó de diamante* ou no *Livro sobre Osíris*. Minha vida não está somente nos livros *A colina sobre as*



Estrada rural com duas figuras. José Roberto Torrent Prats

Se o questionador já não existisse, a ignorância deixaria de existir?

nuvens ou *Bhagavatar* ou ainda *O caminho para a unidade*.

Minha vida está em cada um dos meus livros, em cada frase, em cada verso.

No decorrer de todos estes anos – 60 no total – esforcei-me para alcançar uma única coisa: libertar-me das garras do conhecimento, para permitir que o Espírito Santo penetrasse em minha consciência e nas minhas palavras. Foi a única coisa que verdadeiramente “fiz”. Escrever foi apenas a consequência imediata de abandonar minha descrença no impossível. Minha biografia é essencialmente uma

história sobre o esforço para entregar-me a algo que não requer nenhum esforço, trabalho duro, ou conhecimento. “Deixa a energia do Espírito Santo derramar-se ao longo da coluna vertebral – eu aguardarei no alto da tua cabeça com um fogo aceso. Começarás a falar em línguas e saberás o que os anjos pensam. Mas deves deixar a força ígnea do Espírito Santo fluir por ti: deves abandonar tua resistência, tuas tensões

Isso é tudo o que tens a fazer”.

som da alma

A dependência de mim é a única dependência salutar.
Depender de mim significa depender do amor.

Sê dependente do amor,
todavia não daqueles a quem amas.
Deves amar a todos, a cada um.
Concorda em perder muito,
até mesmo tudo;
todavia, não concordes em perder a mim.
Ah, quem sou? Sou teu amor por mim.
Sem amor por mim
não há amor por ninguém.
Sem amor por mim, serás dependente do primeiro que encontrares pelo caminho.
Sê dependente do amor,
para seres livre de qualquer outra dependência.

Vesna Krmpotić, *Som da alma*

Cada ser humano na Terra nasce com uma única necessidade e missão: o amor. Contudo, muitas vezes ele se engana sobre a natureza do amor, vivenciando somente a necessidade, a insaciável avidez do amor.

As pessoas o esperam das outras pessoas; as crianças o esperam dos adultos, os maridos das esposas, e as esposas dos maridos.

E ninguém fica inteiramente satisfeito. Todos queixam-se de que não há amor no mundo.

Mas, o que é o amor? E o que é este mundo? Quem deveria trazer o amor a este mundo e esqueceu de fazê-lo, de sorte que aqui há pouquíssimo amor?

O mundo que vemos ao nosso redor é o nosso reflexo, e desempenha seu papel plenamente em harmonia com sua natureza.

Mas, quem somos? E quem é aquele que se reflete no espelho do mundo? É o homem, o microcosmo, o filho bem amado de Deus, sua imagem e semelhança? O que aconteceu? Como é possível que tenha esquecido seu primeiro amor, o amor do qual ele surgiu e que é sua própria essência?

A expressão do amor divino infinito não é, pois, criar o mundo, o espelho, a fim de que o homem perceba seu estado e possa lembrar-se?

Homem, lembra-te!

Lembra-te de que o amor está adormecido no centro do teu ser e espera que o libertes.

Isso, somente tu podes fazer!

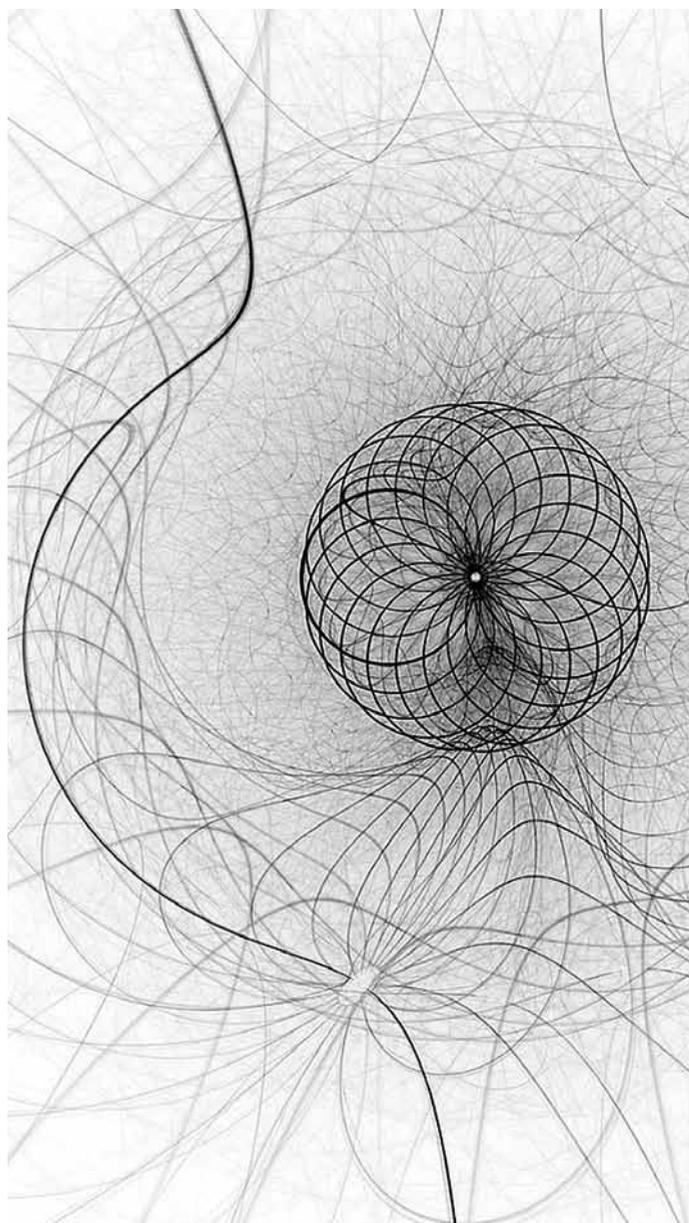
Somente tu podes dar a ti e aos outros o amor de que todos necessitam. Então, já não haverá “outros” nem “tu”! Então, restará apenas o amor que se doa ☺

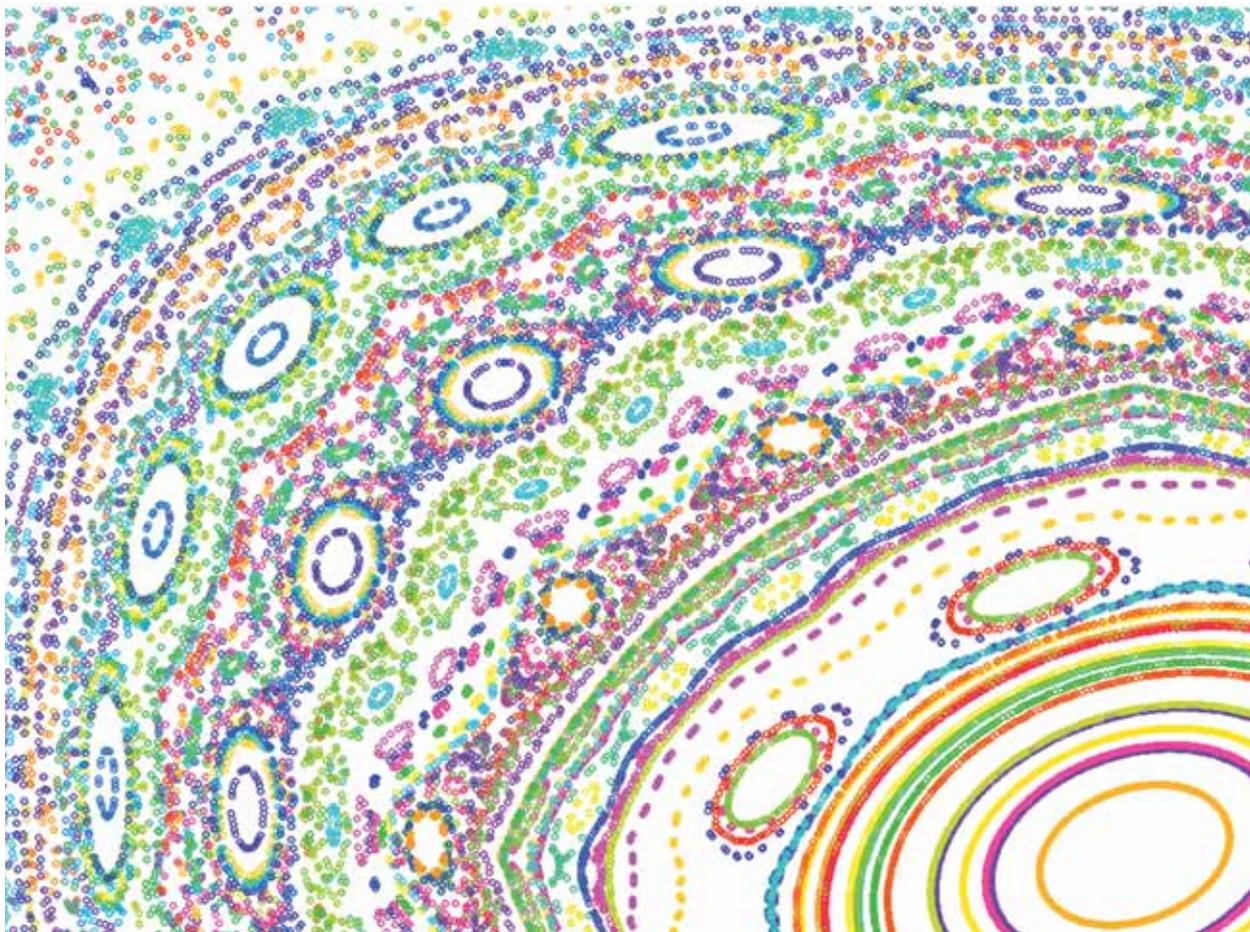
física quântica e espiritualidade

A Física Quântica é a ciência que explica o comportamento das partículas elementares subatômicas. Sem essa ciência não haveria em nosso cotidiano computadores, nem as televisões modernas, nem CDs. Para a maior parte das pessoas a Física Quântica assemelha-se a uma ciência secreta. Quase ninguém entende seus aspectos enigmáticos, muitos dos quais ainda continuam misteriosos e inexplicados.

Como que atraídos por um ímã poderoso, os cientistas não podem deixar de empreender novas pesquisas. O mundo do infinitamente pequeno é tal que foge à capacidade de representação do intelecto humano, e isso acontece até mesmo com sábios como Albert Einstein. Cético quanto às afirmações dos especialistas da Física Quântica, ele tentou, em vão, refutá-los. “Não posso acreditar que Deus jogue dados com o universo”, declarou ele. No entanto, a Física e a Química bem que jogam dados, há quatrocentos anos, sem Deus! No século XVII, o filósofo René Descartes,¹ sem querer, contribuiu com esse jogo de modo muito significativo. Além de seu aforismo “Penso, logo existo”, Descartes afirma que existem duas substâncias independentes. Por um lado, o aspecto material das coisas no espaço, e, por outro, uma substância não espacial, invisível e espiritual. Desde então, a Física se consagra ao aspecto “material”, e a teologia, que é a ciência espiritual e religiosa, ao aspecto espiritual. Assim que se libertou dos dogmas religiosos, a ciência Física pôs-se a observar e descrever a natureza sem nenhum preconceito.

Ora, se considerarmos o ponto de vista de grandes especialistas da Física Quântica, veremos que o “invisível e espiritual” assim como essa ou aquela concepção de Deus voltaram a ser considerados no campo da Física. Realmente, de acordo com os novos conceitos dessa Física, o que consideramos como “matéria” ou “substância material” não existe. Existe somente energia. Desse modo, desaparece sob nossos pés





Ondas quânticas, representação óptica. © D.D. Nolte, Purdue University, West Lafayette, Indiana

a base na qual essas ideias da sociedade materialista ocidental estão fundamentadas. Aceitar essa teoria implica o seguinte questionamento: O que isso significa para nossa existência? Que conclusões podemos tirar disso? Ou ainda: como as partículas elementares agem em nossa vida e de que maneira elas a influenciam? A filosofia quântica procura descrever a ligação que existe entre essas partículas e nossa existência. Ela nos mostra que os fenômenos quânticos são paradoxais e, por isso mesmo, incompreensíveis ou dificilmente explicáveis para a mente humana. É interessante verificar que, sob diferentes aspectos, esses fenômenos também se adaptam à descrição do lado espiritual e invisível da existência. Se a matéria não existe, o mundo que percebemos com nossos sentidos não passa de uma ilusão. Esses sentidos nos mantêm presos, sem o sabermos, a essa ilusão. Então, pode ser que nos ocorra o pensamento, com base em um

novo ponto de vista, de ver através da ilusão e, percorrendo um caminho espiritual, possamos descobrir o mundo real.

OS EXPERIMENTOS DA FÍSICA QUÂNTICA E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A CONSCIÊNCIA

Nossa consciência nos permite receber e analisar o que chamamos de “realidade”. Muitos pesquisadores na área de Física Quântica estão convencidos de que nossa consciência exerce influência sobre medidas realizadas em um experimento. No entanto, não definem com precisão a natureza da consciência. Na Física Quântica valem as assim chamadas relações de incerteza (o “princípio da incerteza” de Heisenberg): quanto maior for a precisão com que determinamos a posição de uma partícula elementar, menor será a precisão com que determinamos sua velocidade. Quando a posição da partícula no espaço é medida, ela pode ter várias velo-

No mundo das partículas elementares, nossa concepção do que seja matéria se desfaz completamente

idades distintas. Isso significa que a partícula está simultaneamente em diferentes estados. Isso é difícil de imaginar. Então, falamos de “probabilidade” de determinado estado (a partícula tem a probabilidade de estar ali, mas pode, no momento da observação, estar em outro lugar). Probabilidade, no verdadeiro sentido da palavra, significa: parece... No entanto, o próprio pesquisador, pela maneira como faz a observação e por suas expectativas, faz que um dos muitos estados possíveis seja escolhido. Em outras palavras: a consciência do observador influencia o que ele observa. Em Física Quântica, o mundo parece, aos nossos olhos, o que nosso estado de nossa consciência, de nossa observação, determina! Então, a realidade seria isso? Vamos tomar como exemplo um dado: antes de jogá-lo, podem surgir seus seis números (suas seis faces) – que representam possibilidades e estados. Logo que o lançamos, somente uma das faces fica para cima: portanto, ele passa a ter apenas um estado. Em sentido figurado, os instrumentos de medida utilizados pela Física Quântica nos dão somente um número, sempre, enquanto os números das outras faces permanecem ocultos para nossa consciência e para os instrumentos de medida científicos. É por essa razão que podemos imaginar que o mundo quântico engloba uma realidade bem mais vasta. A pesquisa vai ainda mais longe: as partículas elementares, que são essas partículas subatômicas, podem não ser tão constantes quanto pensamos. Uma partícula elementar pode, por exemplo, desaparecer e ressurgir em outro local, inesperadamente. Essas partículas

podem, por efeitos quânticos, atravessar obstáculos que normalmente seriam intransponíveis. Então, podemos imaginar que a partícula “se dissolveu no ar”, que ela se tornou imaterial, para reaparecer novamente, materialmente, após ter atravessado um obstáculo.

MASSA, MATÉRIA, FORÇA, ENERGIA Em que consiste a coesão do mundo? Acabamos de ser confrontados com a visão científica segundo a qual não há, de fato, nenhuma certeza de que a matéria seja a base visível e certa da existência humana tal qual ela surge na terra. Afinal, no mundo das partículas elementares, nossa concepção do que seja matéria se desfaz completamente.

Na época da Grécia antiga, acreditava-se que a menor unidade de matéria existente era o átomo. Os objetos reais giravam em um espaço vazio. Foi somente no final do século XIX que a indivisibilidade do átomo foi colocada em dúvida. As experiências com descargas elétricas em gases rarefeitos levaram à descoberta de partículas carregadas eletricamente bem leves: os elétrons. Então, os cientistas estabeleceram um modelo atômico semelhante ao do sistema planetário: um núcleo atômico ao redor do qual os elétrons percorrem uma trajetória aparentemente circular em uma velocidade inimaginável. Que força é essa que faz que o elétron permaneça ligado ao núcleo atômico? O elétron é atraído para esse núcleo atômico por uma força elétrica, exatamente como uma maçã é atraída para o chão pela força de gravidade da terra. Na Física, a força gravitacional e a força eletro-

Sofremos pela falta de liberdade, ou – como dizia Buda – nascimento é sofrimento, doença é sofrimento, velhice é sofrimento, morte é sofrimento

magnética são duas das assim chamadas forças fundamentais. No decorrer do último século, foram descobertas outras partículas elementares dotadas de características diferentes e duas novas forças fundamentais: a força nuclear forte, responsável pela coesão do núcleo atômico, e a força nuclear fraca, responsável pela desintegração nuclear. Na Física, a importância da energia e das forças, particularmente as nucleares, cresce cada vez mais, pelo fato de que a matéria está deixando de ser considerada o componente fundamental de tudo. É que as partículas elementares, de acordo com os critérios comuns, já não são vistas como matéria, mas sim como uma forma de energia concentrada. A teoria da relatividade demonstrou que massa nada tem a ver com uma substância qualquer, mas que ela é energia. Massa e energia estão ligadas pela fórmula bem conhecida: $E = mc^2$. A energia E é igual à massa m multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz, c . O que chamamos de “matéria” é, portanto, uma espécie de “energia congelada” ou uma “luz sólida”. Deixemos agora a Física Quântica de lado e procuremos explicar os possíveis mistérios que ela encerra por meio de um “conhecimento interior”. Podemos apontar algumas analogias relativas a isso?

Conhece-te a ti mesmo

Tudo o que é efêmero é mera alegoria;

Aqui o insuficiente se torna acontecimento;

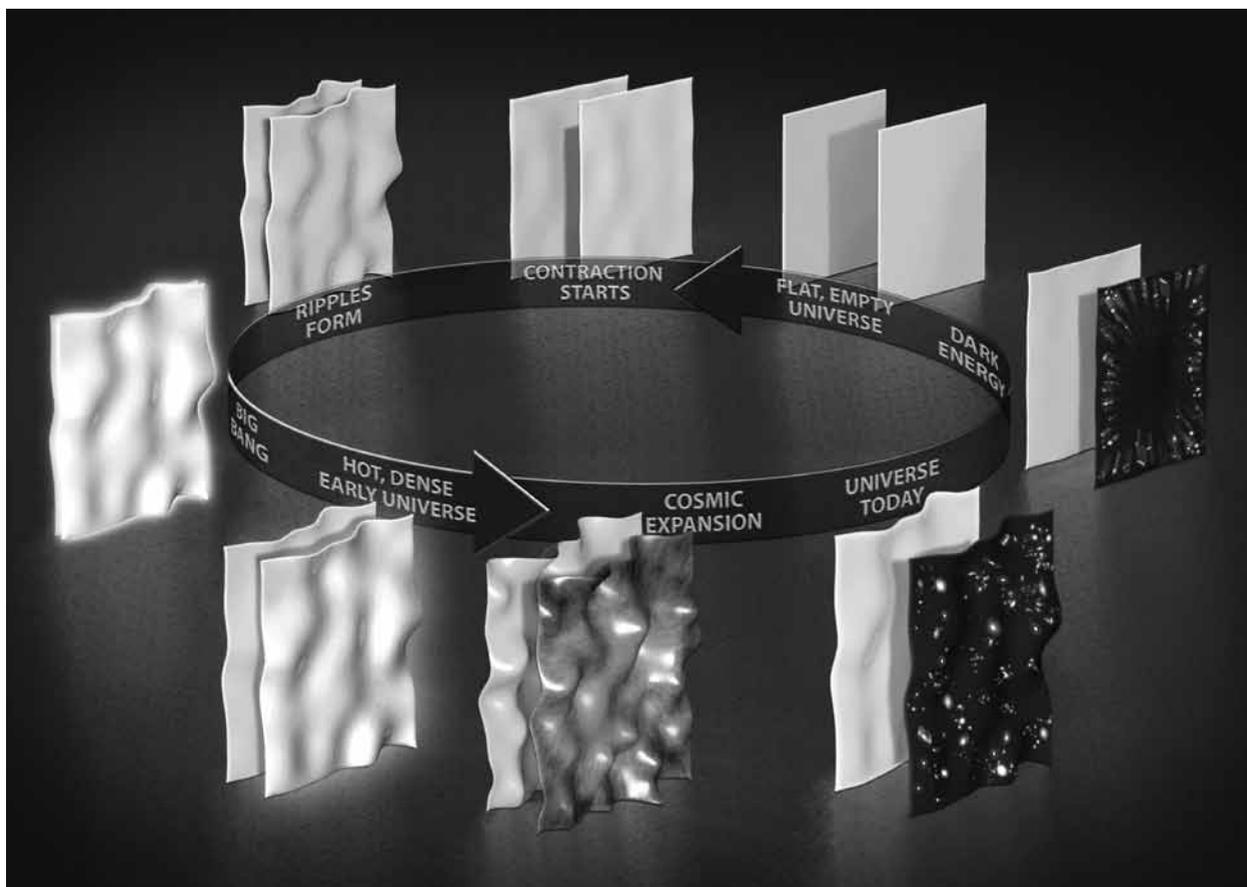
O inefável é feito;

O eterno-feminino para o alto nos atrai.²

Com a expressão “eterno-feminino”, Goethe designa um caminho que conduz para fora do que é transitório. Aqui, ainda, tomaremos o átomo como exemplo. Os elétrons em um átomo estável não dispõem de energia suficiente para sair de sua trajetória ao redor do núcleo atômico. Um elétron somente poderá escapar se um fóton (partícula de luz) com energia suficiente colidir com ele, lançado-o para fora de sua trajetória. Não seria isso uma metáfora? Tal como os

elétrons, somos prisioneiros da superfície terrestre. Sofremos pela falta de liberdade, ou – como dizia Buda – nascimento é sofrimento, doença é sofrimento, velhice é sofrimento, morte é sofrimento. Somente uma luz com bastante energia poderá desatar essas amarras que nos prendem ao mundo. Pela luz da compreensão, poderemos sair das sombras e libertar-nos. A ligação com o que é terrestre pode, então, ser rompida – exatamente como o elétron que se liberta do átomo. A luz pode mudar totalmente nossa situação.

TUDO ESTÁ LIGADO A TUDO A Física Quântica nos leva à conclusão de que todas as coisas estão interligadas e se influenciam mutuamente. Em poucas palavras: elas são interdependentes. As experiências revelam que algumas partículas parecem obter a informação instantânea do estado de outras partículas, por mais distantes que estejam. Por exemplo, dois fótons podem ser produzidos experimentalmente de maneira a comportar-se como partículas gêmeas. Se então eles são separados um do outro por qualquer distância, e um deles é obrigado, por meio de obstáculos, a “decidir” seguir um trajeto, então, observa-se que o outro fóton toma a mesma decisão, todas as vezes, sem exceção. Eles comportam-se como se estivessem entrelaçados de uma maneira invisível. A Física clássica não pode explicar esse fenômeno, pois entre essas partículas não há nenhuma ligação que possa ser identificada nem nenhuma energia ativa. Portanto, a realidade subatômica é constituída por “objetos quânticos” disseminados no espaço. Somente podemos descrevê-los como um todo coerente do outro lado do espaço e do tempo. Assim, tudo está ligado a tudo. Por analogia, o entrelaçamento que existe entre as coisas no mundo subatômico pode ser considerado como uma metáfora da unidade divina e da ligação de tudo com tudo.



Einstein imaginava o surgimento do universo como um movimento pendular ao redor de um ponto fixo. Isso ocorreria em diversas fases (sentido anti-horário na figura, começando da esquerda): 1. Big Bang (explosão primordial); 2. fase do universo primordial quente e denso; 3. fase da expansão cósmica; 4. fase do universo tal como se manifesta hoje; 5. fase da “energia escura”; 6. fase do universo plano e vazio; 7. fase em que se inicia a contração do universo; 8. fase em que se formam ondulações cósmicas que levam a um novo Big Bang. De acordo com a Física Quântica, essas fases existem simultaneamente e por toda parte em universos paralelos.

© R.J. Slagter, www.asfyon.nl

AS FRONTEIRAS DA PERCEPÇÃO SENSORIAL

Tudo o que sabemos sobre Física Quântica está baseado na observação e em experimentos realizados por seres humanos. As descobertas da Física Quântica vão muito além das fronteiras da percepção sensorial. Mesmo os instrumentos de medição, que são verdadeiros prolongamentos da percepção sensorial, não podem mostrar, de maneira objetiva, como realmente acontecem os movimentos e os fenômenos. Com relação a isso, qualquer ideia é passível de erros. Nesse sentido, podemos dizer que ninguém compreende a Física Quântica. E não poderia ser diferente. Afinal, ninguém pode ver uma partícula com os próprios olhos ou com instrumentos de medição, pois esses aparelhos somente podem medir efeitos. Portanto, precisamos reconhecer

que a matéria, tal como nós a percebemos por meio dos sentidos, não corresponde à realidade. Vivemos em um mundo de enganos e ilusões. Não temos consciência disso, e isso não nos perturba na vida “comum”.

AS FRONTEIRAS DO PENSAMENTO Portanto, deveríamos questionar-nos: é possível deixar o mundo das ilusões sensoriais? Isso é importante para nós? E, finalmente: se isso é realmente essencial para nós, como conseguiremos desligar-nos dessas ilusões e desses enganos? A sede de conhecimento dos físicos quânticos leva a projetos cada vez mais gigantescos. Em “experimentos de pensamento”, eles chegam ao conhecimento de que seria necessária a massa da totalidade do universo para explicar e compreender certas questões. Mas

isso leva definitivamente à fronteira do que é factível: é impossível ir mais longe! Já faz muito tempo que os pensadores chegaram a essa última fronteira. O filósofo Kant (1724–1804) chegou à famosa conclusão sempre esquecida pelos físicos: “A razão humana conhece esse destino particular de ser importunada por questões às quais não pode escapar, pois são feitas pela própria natureza da razão, mas às quais também não é capaz de responder, porque superam qualquer faculdade da razão humana”. Falando de forma mais simples: a inteligência não pode evitar que o homem erre.

Poderíamos dizer metaforicamente: assim como o peixe não pode imaginar a vida fora da água, o homem não pode elucidar, com sua inteligência, questões irracionais ou metafísicas. O máximo que ele pode fazer é nadar até a superfície para respirar ar. Observemos, no entanto, que, na natureza, certos animais se transformam – por exemplo, a rã. A rã pode deixar o elemento líquido e respirar ar para sobreviver. O girino, ao contrário, precisa de água para sobreviver, pois no ar ele morrerá, tal como o peixe. Entretanto, o girino irá transformar-se em rã. No antigo Egito, a rã era um animal sagrado – e não o girino!

Depois de sua Teoria da Relatividade, Einstein passou os trinta últimos anos de sua vida tentando desenvolver a “teoria de tudo”, ou a “teoria unificada”. Ele procurava uma equação única, simples, que abrangesse todas as leis da Física e descrevesse a unidade do universo inteiro, desde sua criação até a formação das galáxias e da terra. Mas não conseguiu atingir seu objetivo.

Desse fato talvez consigamos chegar à conclusão de que somente quando falharmos em responder nossas indagações vitais mais fundamentais com nosso intelecto poderemos reconhecer o verdadeiro significado do caminho

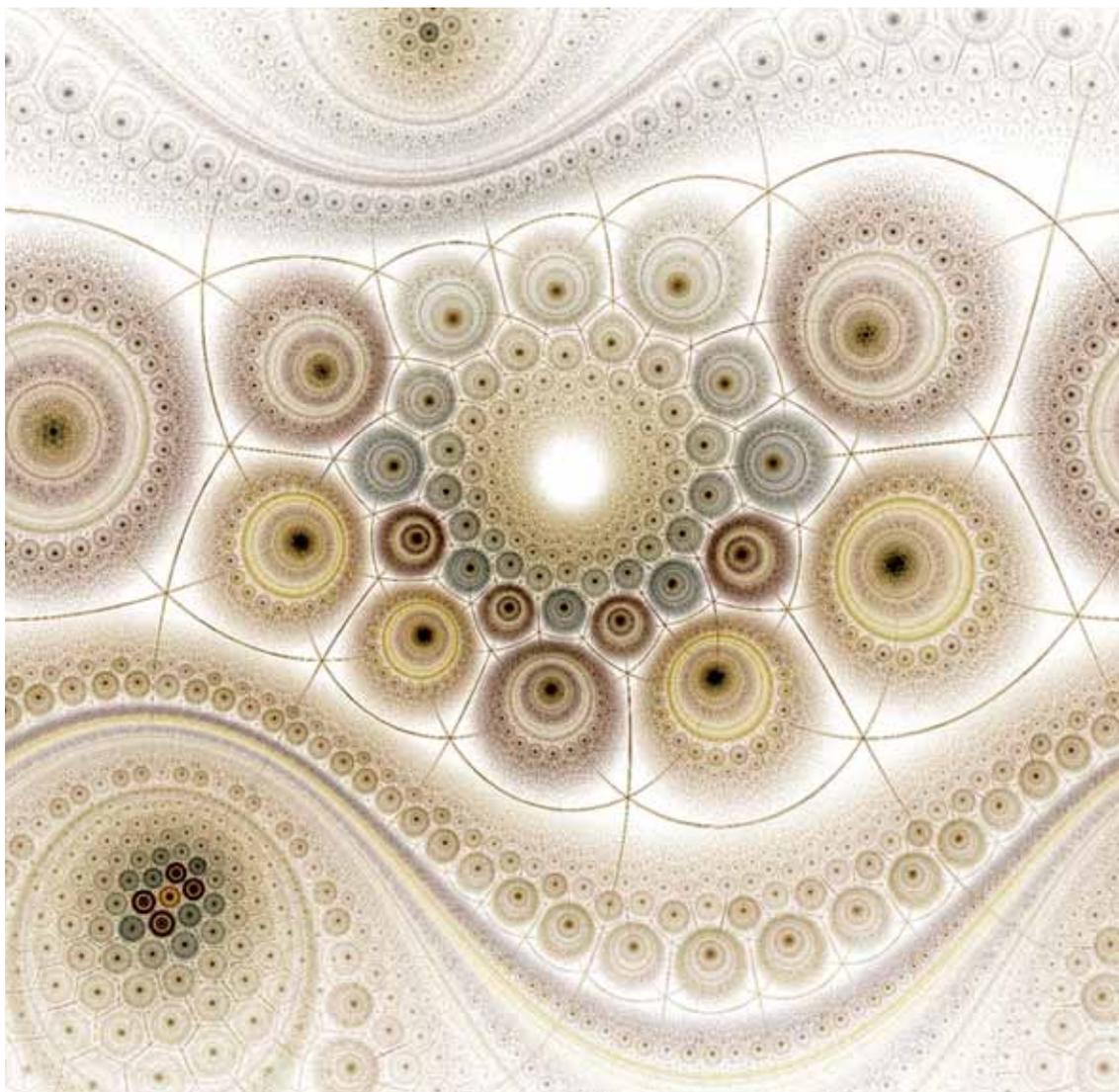
que nos fará escapar das ilusões. No *Fausto*, de Goethe, Fausto aprofunda-se na verdade por meio da experiência do fracasso. No monólogo da abertura da segunda parte da obra (o nascer do sol), é indicada uma saída: “A eles (os cumes da montanha) é permitido cedo desfrutar da luz eterna que, mais tarde, chega até nós, [...] e é concedido novo brilho e nitidez”.

Essas palavras são o testemunho do reconhecimento do aspecto divino. Mas é preciso criar um espaço para que isso aconteça. Afinal, não é verdade que o melhor de todos os auxílios é o “não saber” que Sócrates formulou como “Tudo o que sei é que nada sei”, e cujo resultado somente pode ser o não julgamento dos acontecimentos e dos seres humanos?

Muitos livros expõem a filosofia quântica. Eles são a expressão não definitiva da opinião do momento de seus autores sobre essas teorias. Qual é a minha verdade? Qual é a minha realidade?

É preciso ser vigilante quanto a esses posicionamentos. Afinal, a visão e o pensamento experimentais, como já foi dito, são incompletos, parciais e, portanto, em princípio, imperfeitos. A consequência é que não podemos confiar nem em nós mesmos nem nos especialistas. Vale mais, de início, ficar na expectativa quanto às teorias emitidas por seres humanos.

A Física Quântica exige de nós, por assim dizer, uma nova consciência, e isso também é válido para o caminho espiritual evocado acima. Cada um de nós deverá chegar à compreensão. Temos necessidade de uma verdadeira ciência sagrada, de uma ciência interior que seja apropriada para nós, uma ciência sagrada capaz de “curar-nos” – ou seja, de tornar-nos sãos, completos, inteiros ☸



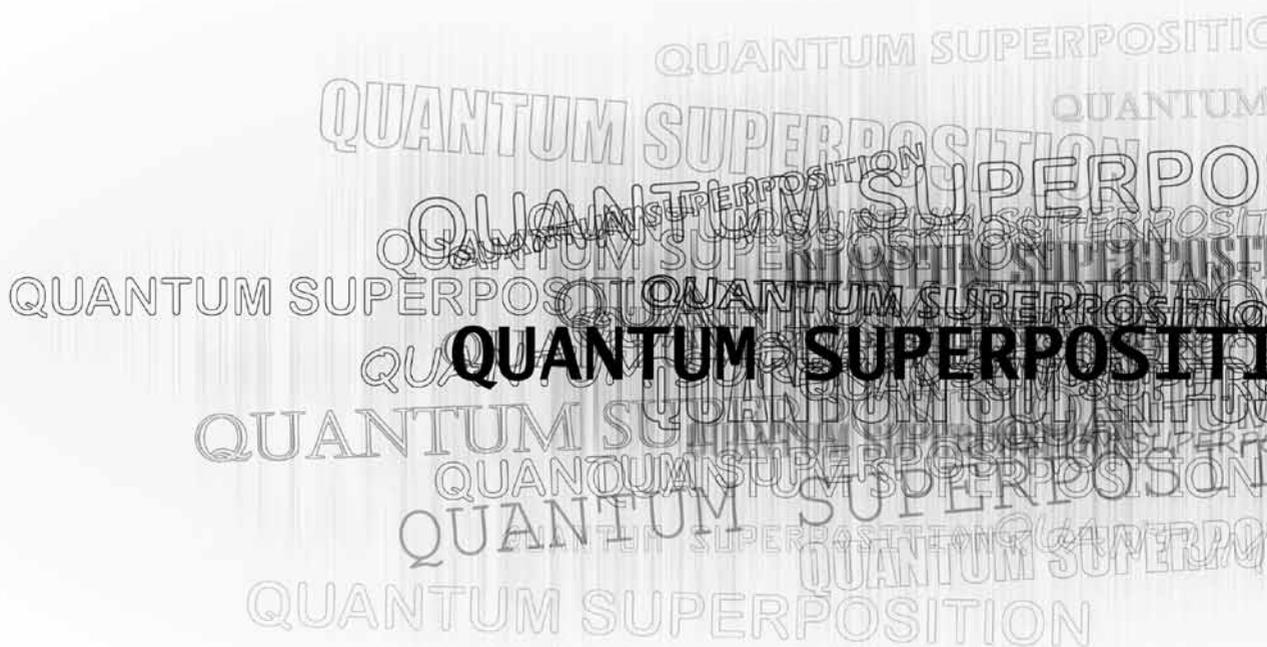
1. Descartes (1596–1650) manteve contato com os rosa-cruzes em 1619–1620. Ele era tão consciente do valor de seus ensinamentos que lhes dedicou uma de suas obras mais importantes. Essa iniciativa rendeu-lhe aborrecimentos com a Igreja, de tal sorte que se viu constrangido a combatê-los oficialmente, mesmo continuando a defender suas ideias. Ele foi o provável fundador, em 1637, do

racionalismo sistemático. Mas seu interesse voltou-se para o mundo da natureza superior (a metafísica), sobre a qual desejou empreender a pesquisa científica, esperando chegar à prova da existência de Deus. Contudo, não chegou a conseguir tal intento.

2. Goethe, J.W. von. *Fausto*.

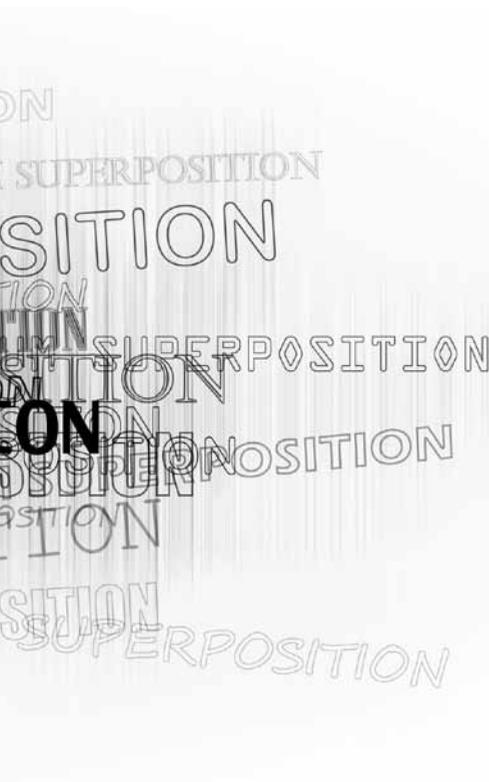
a ciência sagrada individual

Há inúmeros livros sobre a filosofia quântica. O que é escrito por seus autores não é realmente determinante. É simplesmente uma interpretação sobre a teoria quântica. O que importa realmente é o que compreendemos a respeito dela. Qual é a minha verdade? Qual é a minha realidade? Para analisar com base em uma nova perspectiva essa conclusão do artigo precedente, uma antiga frase de Giordano Bruno (1548–1600) pode direcionar-nos para o caminho certo: “Quem não compreende o Um não compreende nada. Do mesmo modo, quem compreende verdadeiramente o Um compreende tudo. E quem se aproxima do conhecimento do Um aproxima-se igualmente do conhecimento de tudo”.



Nesse contexto, é bom indicar algumas pesquisas conduzidas pela Física sobre espiritualidade, como, por exemplo, as realizadas pelo artista e cientista americano Walter Russel (1871–1963) na primeira metade do século XX. Nessa pesquisa, que seus estudantes chamaram de “ciência russeliana”, ele investigou os “princípios fundamentais da dinâmica da energia”, “a natureza da matéria e o progresso da evolução da matéria”, assim como “a imagem do universo como um esforço

criativo e em constante mudança, sustentado pelo trabalho sistemático da energia da luz”. Em um de seus livros, ele formula a seguinte indagação: “Em que consiste a verdade e como posso experimentá-la?” Como resposta, ele nos oferece a seguinte reflexão: “[...] para essa pergunta feita pela humanidade – ainda sem resposta – há uma resposta simples. Uma voz suave não para de sussurrar a resposta, no interior de cada ser humano, em sua consciência nascente. Todos os desejos registrados no coração conduzem à



fonte, e, assim, a resposta sempre vem. Mas são poucos os que indagam, e menos ainda os que escutam a resposta. [...]"

Todos os mestres de sabedoria dizem que o silêncio interior e a pureza do coração são essenciais para escutar a resposta interior. Tanto o silêncio quanto a pureza ajudam-nos a aplai-nar o caminho que nos leva para fora da ilusão, o caminho que conduz à realidade divina. A purificação do coração é um trabalho pessoal: diz respeito ao homem como um todo, pois

o coração influencia a qualidade do sangue, que, por sua vez, alimenta todos os órgãos, que novamente influenciam o coração – e, por isso mesmo, também influenciam a qualidade de nossos sentimentos e desejos. Exatamente como na Física Quântica, tudo está ligado a tudo.

A ILUSÃO DO MUNDO E A REALIDADE DIVINA

Dois mundos surgem do que foi dito até agora. De um lado, este mundo material, que é uma ilusão: nossos sentidos nos induzem a erro, de tal maneira que pensamos que somente existe o que nossos sentidos e nossos instrumentos de medida nos mostram. Dependendo do estado do ser humano em questão, essa ilusão pode ser dolorosa ou agradável. Por outro lado, ainda resplandece no horizonte o frágil reflexo de um novo mundo, a aurora da realidade divina evocada por todas as religiões do mundo. Quem deseja ter acesso a esse mundo precisa encontrar a saída que leva para fora deste mundo ilusório.

O ANSEIO POR SALVAÇÃO – ESPIRITUALIDADE

Como seria esse caminho? O início está no fato de reconhecer motivações e emoções sob a luz espiritual. As emoções “primárias” são o medo, a preocupação e a ansiedade. Mas o que chamamos comumente amor também é uma emoção. Por qual espécie de emoção nos deixamos guiar? Será que ouvimos a “suave voz interior”? Quem puder escutar essa voz com todas as suas sutilezas e, com base nisso, conseguir purificar o coração verá que seus desejos, que antes o oprimiam, vão diminuindo aos poucos. Então, ele vivencia



Erwin Schrödinger

Werner Heisenberg



Heisenberg's Uncertainty Principle

$$\Delta x \Delta p \geq \frac{\hbar}{2}$$

"we can't know better"

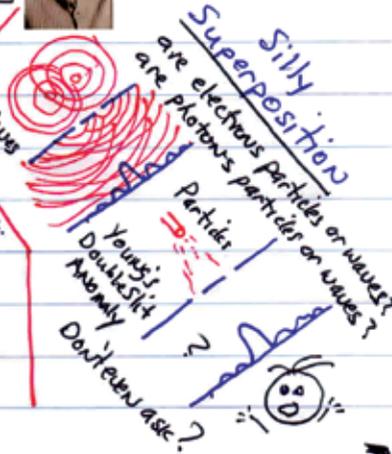
$$\Delta E \Delta t \geq \frac{\hbar}{2}$$

I can conquer the universe but I have to be quick.

Entanglement

we are all connect to the entire universe. Resolution is our challenge. There's no where to go, really.

- EPR -
Einstein, again...



Thomas Young

The Wave-function

$\frac{\hbar^2}{2m} \nabla^2 \psi + V\psi = i\hbar \frac{\partial \psi}{\partial t}$

how the w/f changes in space
forces acting on the particle
how the w/f changes in time

Probabilistic Nature of atomic particles
NO ONE KNOWS what the wavefunction is...

Radioactivity

alpha me outta here...

- Dec. 14, 1900 -
'nobody noticed'

Planck's Hypothesis

$$E = \hbar \nu$$

"energy comes in packets"

$$h = 6.6 \times 10^{-34} \text{ J}\cdot\text{s}$$

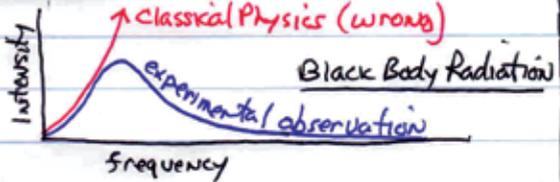
[quanta]

Max Planck was not happy with his mathematical chicanery. I don't even believe in atoms!

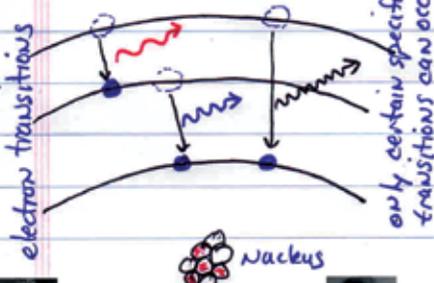
this was a radical departure from Maxwell's E-M theory, which regarded energy to be a continuous 'thing'.



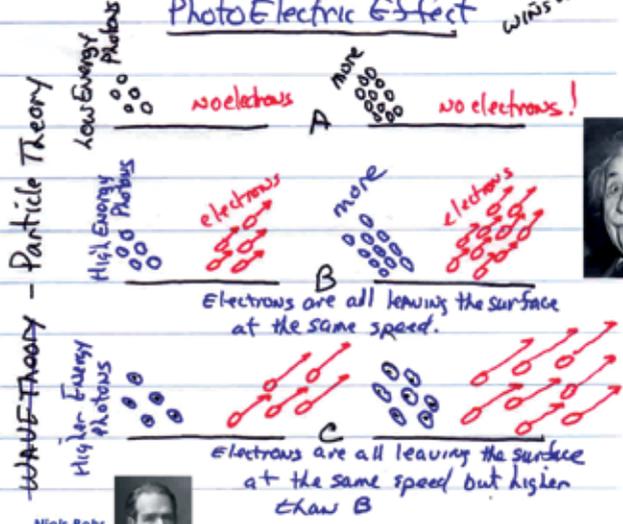
Max Planck's UV catastrophe Solution



Line Spectra



Photoelectric Effect



Wave-Theory - Particle Theory

Albert Einstein wins a Nobel



Louis DeBroglie



Paul M. Dirac

Niels Bohr



um novo amor: o “eterno-feminino”, a “paixão divina”, a “divina Vênus”, que nos atrai, como um ímã, em direção a outra compreensão, infinitamente mais pura. A mente, que geralmente era dependente dos sentimentos, desejos e emoções, e exercia forte influência sobre nosso modo de agir (nossas ações e gestos), vai-se depurando cada vez mais e, aos poucos, desliga-se de toda e qualquer dependência. Ela percebe de modo muito mais abstrato.

Nossa mente é limitada: mal conseguimos compreender a matéria de nosso corpo. Para dizer a verdade, ainda não estamos preparados para compreender a nós mesmos, para ter uma visão clara de tudo o que nos liga às outras pessoas, ao nosso destino, aos nossos traços de caráter.

Não conseguimos fazer isso, assim como o peixe não pode compreender o mundo que está acima da água. Para poder captar melhor a purificação do coração e esclarecer esse ponto, utilizaremos uma metáfora que vem da Física Quântica. Segundo a Física Quântica, cada partícula tem sua “antipartícula”. Se quisermos reunir essas duas partículas, a carga positiva e a carga negativa irão anular-se. Então, surgirá uma luz neutra, e o que é obscuro torna-se claro. No entanto, é preciso um preparo inicial, uma orientação, a fim de que as duas partículas possam efetivamente encontrar-se. Nós também, como seres humanos, conhecemos uma preparação semelhante sob a forma de desejar um coração puro, purificado. É pela aceitação benevolente de nós mesmos e dos outros e pela harmonia entre o positivo e o negativo que nosso coração se purifica e entra na neutralidade. Nesse momento, já não haverá atração nem repulsão, e conservaremos uma atitude benevolente e serena em todas as situações. Para alcançar esse comportamento neutro,

equilibramos as polaridades de nossa vida de sentimentos. A partir de então, nosso coração se restabelece e pode suportar uma vibração completamente nova.

A RENDIÇÃO DO EU Se, no interior de nosso ser limitado, já não sabemos em que ponto estamos no caminho espiritual, se esse caminho já não parece oferecer nenhuma saída, então é essencial que nos concentremos na vontade divina. Sobre isso, a Bíblia afirma: “Pai, não se faça a minha vontade, mas a tua”. Eis uma nova metáfora que vem da Física Quântica. O cientista quer conhecer. Pela observação, ele destrói as circunstâncias naturais no mundo quântico, o qual, eventualmente, pode revelar-se, mas não em sua totalidade. Então, o cientista fica desesperado porque já não compreende nada.

Talvez verifiquemos em nós, também, que os resultados de nosso querer não são os que esperávamos. Assim, fazemos nascer o caos e nossa energia se evapora na vida. No entanto, quando a vontade divina está ativa, essa energia pode ser o alimento para o coração purificado. Comparemos essa vontade superior às ondas luminosas de energia que agem no reino vegetal. Uma planta precisa ser verde para poder absorver de modo otimizado essas ondas luminosas. Por meio de conversão e transmutação, surgirá aquilo que finalmente irá nutrir os reinos animal e humano.

UMA NOVA ATITUDE DEVIDA Nossa compreensão, nossa transmutação impulsionada pela luz, pode agora, na vida cotidiana, ser transformada em ações. O novo alimento, a nova energia, traz novo movimento à nossa vida – exatamente como um fóton ao colidir com elétrons. Quando o elétron absorve suficientemente essa luz, entra em movimento e, por assim dizer, “flui”. No melhor dos casos, um elétron pode até mesmo sair de sua trajetória ao redor do núcleo

A interconexão entre os principais pensadores da Física Quântica

atômico e tornar-se um elétron livre. Graças à luz e a uma nova energia, poderá acontecer no interior do ser humano algo tão formidável que a situação na qual ele se encontra se tornará completamente nova: coisas que antes eram imóveis e fixas colocam-se em movimento. O ser humano anima-se, abre-se: ele liberta-se.

A NOVA CONSCIÊNCIA No Evangelho de João, capítulo 10, Jesus afirma: “Em verdade, em verdade vos digo: todos vós sois deuses”. E o que caracteriza os deuses? Pelo fato de que podem penetrar tudo, captar tudo, ao seu redor vibra um novo campo de respiração e de vida. Para realizar isso, é preciso existir um novo ser, uma nova essência. E é realmente extraordinário que isso seja possível. Assim como o girino se torna uma rã, o homem pode transcender seu campo de vida terrestre. Ele transforma-se, ao escutar conscientemente as “suaves sugestões” – “a voz silenciosa” – que ele percebe quando inspira o prana divino. É graças a essa transformação que ele pode entrar no campo de vida celeste. Chamamos a atenção do leitor para um fato da Teoria da Relatividade. Como está exposto na fórmula de Einstein, $E=mc^2$, todas as partículas são, de fato, “energia congelada” ou “luz sólida”. Por meio da fusão nuclear, por exemplo, uma parcela de matéria pode transformar-se em luz. É esse o processo que acontece ininterruptamente no Sol: a transmutação do hidrogênio em hélio, que libera enormes quantidades de energia e de luz. Se, por meio da fusão (nuclear) com a luz divina, transformarmos a matéria em nós – a luz aprisionada – surgirá um novo e nobre elemento: um novo corpo. E tudo se tornará claro em nós. Muitos místicos descrevem ter passado pela experiência de uma luz poderosa no momento em que a vida superior os inundou. Para poder perceber a realidade no interior dessa luz, nossos sentidos – nossos olhos – também se transformam. Manifesta-se uma nova realidade, percebida por uma consciência sutilmente adequada a ela. Isso leva a um comportamento

totalmente novo – e não poderia ser de outra forma. Da harmonia, da ligação e do plano divino nasce a compreensão. Assim, segue-se uma nova atividade, perfeitamente coerente com essa compreensão. A lagarta transforma-se em borboleta: a nova consciência descobre, por detrás dos véus de nosso mundo, a natureza primordial, uma ordem do mundo em sua coerência original: o Jardim dos Deuses.

Concluimos com um trecho do capítulo 4 do *Tao Te King*, de Lao Tsé:

“O Tao é vazio, e suas radiações e atividades são inesgotáveis.

Oh! Quão profundo ele é. Ele é o Pai original de todas as coisas. Ele abranda sua acuidade, simplifica sua complexidade, modera seu brilho ofuscante e torna-se semelhante à matéria.

Oh! Quão calmo ele é. Ele é por toda a eternidade. Ignoro de quem ele possa ser Filho. Ele era antes do supremo Deus.” ☸

a madona negra

É impressionante como o saber antigo, que perpassa a História como uma linha mais ou menos oculta, sempre salta para o primeiro plano, apesar de todas as transformações. Isso não se deve propriamente a grupos que atuaram na obscuridade para manter vivo esse saber original ligado ao coração. Em muitas histórias celtas, imagens da sabedoria egípcia sobreviveram, alcançando um novo significado. E, em nossa época, cada vez mais pessoas retomam o fio de prata que, por meio do saber antigo, nos liga à vida original.

Trinta mil anos atrás, povos que viviam na Europa já reverenciavam uma deusa-mãe negra. Ela representava o princípio de vida feminino, a fonte da eterna nova vida, e foi uma das imagens mais antigas por meio das quais a humanidade reverenciou o divino. No Egito foram Ísis-Néftis, as irmãs gêmeas. Quando, por volta de 2000 a.C., os povos indo-germânicos povoaram a Europa, essa deusa foi banida para outros lugares, como Malta e Creta. Mais tarde ela foi denominada Ártemis-Diana, de quem ainda existem esculturas negras em Roma e Nápoles. Também foi reverenciada como Deméter-Melaina (nome derivado da palavra grega “melas” – negro), como a Afrodite negra e como a deusa lunar Cibele. Na Ásia Menor ela se chamava Astarte, em Israel, Chokmah – Sabedoria – e, na Índia, ela é Kali, a deusa negra.

O saber antigo também pode ser reconhecido no simbolismo dos contos populares, mitos e lendas. Nas madonas antigas encontramos a representação egípcia de Ísis e Hórus, a representação de Cibele e Atis e da deusa-mãe gaulesa. Essas madonas negras, que ainda existem em muitos lugares, são muito diversas das cristãs. Elas provêm de um conhecimento mais puro que ainda continua vivo como sentimento na população dessas respectivas regiões, e foram, por isso mesmo, incorporadas pela igreja romana, o que também ocorreu com os lugares sagrados celtas e outros povos. Na França existem muitas igrejas consagradas a Maria Madalena em lugares de reunião dos celtas onde também havia fontes sagradas. Em sua obra *The Cult of the Black Virgin* (O cul-

to da virgem negra) Ean Begg parte da premissa de que ainda existem 450 representações da Madona Negra, das quais 227 estão na França. Elas estão em maior número (cerca de 50) nas regiões de Lyon – Vichy – Clairmont-Ferrand, na montanha A Madalena. É principalmente nas igrejas que se encontra a maioria dessas esculturas, que continuam sendo um mistério, conforme testemunham pelo mundo todo as muitas histórias que a elas se referem.

É igualmente de se admirar que a igreja coloque em seus edifícios justamente a cópia de sua doce Maria! No ano 431, o Concílio de Éfeso introduziu a adoração de Maria como “Mãe de Deus”. Era uma alternativa para a adoração da Madona Negra. Com isso a Igreja apropriou-se da herança da *Magna Mater*, de Ísis! A Igreja Católica Romana sempre tentou colocar a Madona Negra em segundo lugar. Ela prefere não fazer comentários a esse respeito. Ean Begg relata em seu livro: “quando, em 28 de dezembro de 1952, em uma reunião da Associação Americana para o Avanço da Ciência, foi feita uma apresentação sobre a Madona Negra, todos os padres e freiras dentre os ouvintes deixaram o auditório”. A Madona Negra é uma imagem da criação divina eterna, que está sempre em movimento e constantemente renova a si mesma, impelida pelo impulso divino.

Naturalmente a cor negra é um símbolo. O homem precisa de imagens concretas não para entender ou denominar, mas para tomar consciência da realidade que é, em seu todo, a “existência”. A Madona Negra é um intermediário



para o invisível, para uma existência que somente podemos alcançar quando deixarmos a forma para trás e formos conscientemente ao encontro do Espírito.

Em muitas tradições o preto é sinônimo de noite, escuridão, caos e morte, mas também de “não existência”. Na verdade não é uma cor, mas ausência de cor, em oposição ao branco que obtemos ao juntar todas as cores.

A Madona Negra não é uma imagem, mas, na realidade, um conceito arcaico que foi adaptado ao cristianismo romano. Reconhecemo-la como símbolo em outras tradições religiosas e mitológicas. De acordo com a tradição hindu, Brahma criou os mundos depois de ter surgido do ovo de ouro que flutua nas negras e insondáveis profundezas do não ser. Em um hino a Kali é dito: “Antes do início de todas as coisas, tu existias na forma de uma escuridão que ultrapassa palavras e pensamentos. Por meio de ti, o desejo criador do sublime Brahma, é criado o universo inteiro”.

Conforme Apuleio (séc. II d.C.), Ísis diz: “Eu sou tudo o que foi e tudo o que será”. Ísis simboliza, portanto, a força criadora verdadeira e pura, daí a ausência de cores. Novalis escreveu: “A virgem cósmica é refletida em cada virgem terrena, e fica evidente para nós que a procura pelo amor é um

Antiga representação da Virgem Negra, a Ártemis de Éfeso – aqui uma cópia romana de um original grego do século 2 a.C.

COMPREENSÃO, ENTENDIMENTO, CONHECIMENTO QUE PROVÊM DE UM PASSADO REMOTO – IMAGEM DA CRIAÇÃO DIVINA ETERNA

devotamento à noite que ocorre no imo”. Diz a lenda que, no primeiro século de nossa era, Maria Madalena insuflou nova vida ao culto à Madona-Ísis negra na França. Após os acontecimentos na Judeia ela fugiu e, segundo a tradição, chegou ao continente na pequena localidade de Sainte-Marie-de-la-Mer. Estavam a bordo com ela José de Arimateia, Marta, irmã de Maria, seu irmão Lázaro e todos os discípulos de Jesus. Dessa lenda, ainda hoje viva na França, origina-se o seguinte conto: “Em uma gruta na Provença, não longe do mar, vivia há muito tempo uma sacerdotisa de pele escura. Era Sara, a egípcia, que era ‘um raio de Sol’, muito estimada na região não apenas como sacerdotisa mas também como terapeuta. Sara também significa ‘princesa’. Da vizinhança e de longe vinham pessoas para aconselhar-se com ela, que lembrava Ísis, o eterno aspecto maternal dos mistérios egípcios”. De acordo com essa lenda – e existem muitas outras ainda – Maria Madalena procurou por essa sacerdotisa. Ao encontrá-la em sua gruta na Provença, ela ocupou o seu lugar e passou ali o resto de sua vida, entre os anos de 44 a 70. Sabiam ambas que os mistérios egípcios haviam perdido sua força ativa e renasceriam na nova religião, pois esta significaria uma renovação dos antigos mistérios, e seu símbolo seria Jesus Cristo. Por essa razão, Sara já esperava por sua chegada havia bastante tempo. A sacerdotisa escura retornou ao Egito. Mas as pessoas do país francês nunca a esqueceram e continuam a adorá-la nas muitas madonas negras. Certamente jamais se poderá comprovar realmente se ambas estiveram

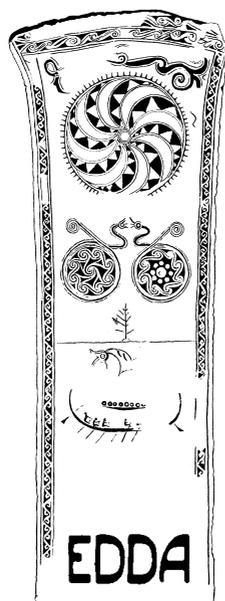
um dia na França. Mas o folclore, o rico simbolismo e a tradição apontam nessa direção. Lendas frequentemente têm um núcleo verdadeiro, o qual, com certeza, está em um plano bem diverso. Assim A. Peters relata, em seu livro *Cabala*, que essa divindade desconhecida para nós é designada no Zohar como: “Eu sou aquele que eu sou e ninguém mais é” (Ehieh Asher Ehieh). Este é um grande mistério e o fundamento da cabala. “Eu sou”, essa existência una, divide-se em dois aspectos viventes. Dessa força divina una derivam duas hierarquias ou correntes de energia. Na cabala são denominadas “rosto” ou “face”. Duas correntes misteriosas saem da divindade como o polo mais externo, o polo extremo de sua essência. Peters escreve: “Uma delas nós denominamos ‘Ab’, o Pai do Mundo, a outra, ‘Ama’, a Mãe do Mundo, que é representada como uma madona negra. Por isso o universo ainda não pode surgir delas. O Pai do Mundo também é designado como o aspecto da divindade que chamamos ‘Chokmah’, ou seja, Sabedoria. A Mãe do Mundo é frequentemente chamada ‘Binah’, que significa compreensão, entendimento, conhecimento que provêm de um passado remoto para, com base nessa experiência, construir as formas de um universo onde milhões de centelhas lançadas da forja divina estão encapsuladas”. Esse trecho expressa de forma belíssima que a Madona é negra porque ainda não foi instada a emitir luz de si mesma. Juntando os dois contos, descobrimos o mistério das madonas negra e branca. A madona também pode ser considerada

como o aspecto materno da divindade, como o campo criador da matéria original, mas também como a nossa Terra. Quando, na época do evento do Gólgota, a energia do Cristo inflamou a Luz, o mundo então passou a ser iluminado por ela. E, como símbolo desse evento, a sacerdotisa então se tornou branca. A deusa Ísis muitas vezes foi representada em negro. A Luz de Cristo ainda não revelada pôde manifestar-se e o homem, desse momento em diante, pode ligar-se à Luz diretamente, sem intermediários. Antes isso não era possível. No *Evangelho dos doze santos*, Maria Madalena é chamada por Jesus de “minha noiva”. Mas, em si mesma, ela é mãe, noiva e filha, assim como Jesus, para as pessoas que estão no caminho e são seus discípulos, é pai, esposo e filho!

Esses são aspectos que somente podemos reconhecer no próprio homem; do contrário, eles seriam incompreensíveis. É o aspecto pai-mãe da alma humana no caminho da perfeição. As duas sacerdotisas que, segundo a lenda, trocaram de lugar há dois mil anos, marcaram esse evento. Há ainda outra interpretação possível da Mado-

na Negra. É a história das irmãs clara e escura, Ísis e Néftis. No céu vemos Ísis, a radiante estrela Sirius A. Porém Sirius B, Néftis, que gira em torno de Sirius A em um período de 50 anos, nós não vemos. Sirius B, uma estrela anã branca de brilho fraco, é extraordinariamente densa e pesada. Essas duas estrelas ou irmãs são símbolos para as partes clara e escura da alma, para o consciente e o inconsciente. O polo superior do homem, a centelha divina da forja, pede por libertação. Podemos ver isso, por exemplo, na respiração, no novo pensar e no anseio por libertação. O subconsciente nos prende ao passado, anseia pelo que é terreno, pelo material. Ninguém pode negar essa Madona Negra. É como se ela chamasse constantemente, como se o homem sentisse que há um segredo que o conecta a ela.

A deusa-mãe Ísis, através dos séculos, sussurra seu segredo a nós: “Fora de mim não há nada. A Luz está em mim”. Para os que entendem, ela diz: “Procura em ti mesmo, e não fora de ti” ✪



Inúmeros mitos nos foram transmitidos pelas diversas civilizações do passado. Eles dão testemunho das concepções da antiga humanidade sobre o surgimento do mundo, a atividade das forças da natureza, os deuses e sobre nosso destino após a morte.

DO COMBATE DOS DEUSES

homens de lança e a fonte de mimir

“Então, pela primeira vez,
ao mundo a guerra veio:
quando, com lanças, os deuses
trespassaram Gullveig.
No salão de Walvater a queimaram:
três vezes a queimaram,
e três vezes ela renasceu.”

Gullveig é uma das filhas da noite. Ela representa os antigos deuses Vanir, as energias espirituais que, em tempos há muito passados, estimularam o crescimento desmesurado da natureza e o desenvolvimento das entidades humanas que nela vivem. A aparição da geração dos deuses de Odin anuncia uma nova fase no grande drama da criação: Odin domina, põe ordem e dá forma às forças de crescimento que se reproduzem. Acontece o mesmo em relação ao homem, que estava longe de ser semelhante à personalidade de hoje. Ele é “compelido a entrar em seu corpo”, como narram as mais antigas tradições. Porque, por mais incrível que isso possa parecer, justamente o corpo exterior, visível e que se manifesta no mundo material, é que traz em si as condições de um crescimento interior, para que um dia, uma consciência-eu se torne possível.

Assim, dois tipos de forças contrárias entram em combate no homem: as forças espirituais divinas e as forças materiais instintivas. Deuses e gigantes travam combate. Esses conflitos criam limites que controlam o excesso do crescimento. Contornos aparecem e formas delineiam-se. Grandes energias, assim limitadas, “interiorizam-se” de maneira ainda inconsciente, de modo que os seres naturais adquiram progressivamente sua forma.

A CADEIA DAS RESPONSABILIDADES

A imagem de Gullveig, trespassada por lanças, ilustra muito bem esse processo. Eis outro

exemplo da relação magistral entre o mundo do espírito e o da matéria. Aliás, a palavra “germânicos” deriva-se de “Ger-Mannen”, homens de lança, em alemão. Gullveig – a força do ouro – é a energia solar, o grande princípio espiritual comum a todos os homens e que os acompanha nesse formidável caminho de desenvolvimento.

Quando as forças da natureza começam a mostrar-se em seu ser (na forma de características humanas tais como vontade, honra, grandeza, poder e posse), os novos impulsos humanos que trespassam Gullveig “humanizam” o Espírito. Assim, o Espírito, até então puro e indiferenciado, é transformado e ligado à vida terrestre. Ora, como o Espírito é eterno, o homem, em sua forma terrestre, está ligado à eternidade. Assim principia a corrente da responsabilidade, porque embora a vontade humana seja livre, o homem sempre fica ligado às consequências de seus atos. Ao mesmo tempo, as lanças simbolizam a típica cobiça terrestre pelo ouro.

ONDE SE OCULTA O OLHO Voltemos por um momento nossa atenção para Odin, que bebe da misteriosa fonte de Mimir, que se encontra na raiz de Iggdrasil. Odin bebe o hidromel da memória das fases de desenvolvimento da história do mundo e da humanidade. Isso caracteriza o impulso especial para o despertar da humanidade. Quanto mais profundamente penetramos nas linhas de força e



O gigante Ymir é morto por Odin e seus irmãos. Gravura do artista dinamarquês Lorentz Fröhlich, 1833

na matriz que são o fundamento do desenvolvimento humano, mais cresce nossa admiração por esse conceito majestoso, profundo e cheio de mistério que está por trás dele.

Para poder beber, Odin é obrigado a deixar como penhor um de seus olhos (clarividência e onisciência), que, desde então, se encontra na Fonte de Mimir.

Thot e Thor

Esse mesmo conceito figura na mitologia egípcia. O “século de ouro” dos egípcios termina quando Hórus – filho da deusa Ísis e do deus Osíris, personificação do olho-vidente no homem – perde um olho

no combate com as forças das trevas. O ser divino desce no homem da natureza. Thot, a personificação da razão divina e da inteligência, mostra o caminho ao longo do qual o divino ressuscita no homem e pode recuperar seu olho. A palavra “Thot”

tem quase a mesma sonoridade que o nome “Thor”, a divindade germânica que, com seu martelo, lutava contra os gigantes pela estrutura e pela justiça divinas. O ritmo do batimento de nosso coração não evocaria os golpes do martelo de Thor?

Versículo 29:

*Sei que o olho de Odin
na famosa Fonte de Mimir
oculto está.
Do penhor de Walwater
bebe hidromel Mimir
a cada manhã.*

Odin sacrifica um olho a fim de tornar possível o desenvolvimento da consciência e da visão nas crônicas da terra. Tal sacrifício é de fato digno de um deus, porque, ao participar assim do desenvolvimento terrestre, ele abandona seu próprio desenvolvimento direto nos elevados campos do Espírito.

O HOMEM – PORTADOR DO EU Mas esse acontecimento é também a intervenção direta de Deus na criatura, porque no mais profundo do ser, o divino e o homem são um. Um dos olhos divinos se fecha quando a divindade está ativa no homem – o conhecimento direto do mundo espiritual perdeu-se para nós. Em seu lugar apareceu uma percepção consciente nas esferas deste mundo. Mas como o divino nos acompanha, esse grande passo encerra ao mesmo tempo a promessa de um crescimento e uma ligação sempre mais forte com ele. Pela atividade dos deuses e de Iggdrasil, a árvore do mundo, o homem torna-se portador do eu. Antes, ele era uma “substância” espiritual, sem forma, na qual um observador poderia distinguir alguns núcleos luminosos,

animados pelas energias dos gigantes e respirando em harmonia total com os deuses. Pela atividade da energia de Odin, o homem desperta progressivamente para a ação. Ele pode intervir em seu próprio desenvolvimento, num longo caminho em direção ao pensamento consciente e à ação responsável.

Em nossa vida moderna, podemos sempre vivenciar a Fonte de Mimir quando, cada manhã, ao despertar, retomamos o fio de uma existência plena de sentido. Lembramo-nos com precisão da cadeia de consequências na qual estamos aprisionados. Por essa razão, cada dia, podemos acrescentar uma ação significativa a essa existência. Diariamente bebemos da fonte de nossas experiências pessoais, às quais se somam as experiências das encarnações precedentes. Uma mina de experiências constitui, pois, a base de nossas ações.

Entretanto, a possibilidade há pouco adquirida do pensar e do agir autônomos comporta o perigo de não se confiar senão na própria força e de negligenciar a radiação da sabedoria divina. À medida que se torna mais autônomo, o homem “confronta” sua vontade com a vontade divina. Ele afasta-se da consciência cósmica harmonizada com o princípio espiritual e, em dado momento, passa a confiar em uma consciência orientada exclusivamente para a conservação da existência terrestre. É assim que, em lugar da segurança que ele anseia tão ardentemente, a escuridão o envolve.

A pineal é o órgão de percepção interior que guiou a jovem humanidade na noite dos tem-

É a energia de Odin que nos impele a intervir em nosso próprio desenvolvimento durante o longo caminho para a autonomia

pos. A pineal ligava-se ao espiritual-divino. Em nossos dias, se bem que de modo rudimentar, ela ainda está estreitamente ligada à intuição humana. Existe o perigo de que os novos impulsos da época atual já não possam penetrar até “o olho”, vestígio do divino, e que este se feche. Esse vestígio é visível entre os recém-nascidos: o terceiro olho, a fontanela, fecha-se gradativamente. A interrupção desse caminho espiritual na noite dos tempos repete-se sem cessar em cada um. Assim, cada embrião humano atravessa, no seio da mãe, todas as fases anteriores da existência. O “terceiro olho”, a nova percepção interior que o buscador espiritual pode adquirir, é novamente colocada à nossa disposição após um processo de cura e restabelecimento. Esse processo está ancorado na matriz do plano universal: a fusão do homem e do divino em uma transfiguração. Enquanto isso não acontece, o olho do Espírito permanece protegido na fonte de Mimir. O momento eterno do Espírito transforma-se em passado, presente e futuro, tal como a *Edda* nos indica em sua linguagem velada pelos séculos. A consciência do homem é despertada pela experiência adquirida através dos éons de tempo. O homem aprende a conhecer sua

vida como um desenvolvimento. Ele supera o “ver e sentir” e tudo o que a eles está ligado. Abandona a percepção do atemporal e torna-se consciente de si mesmo. A história dos mundos transforma-se, para ele, em “uma saga sobre os homens”, conforme é dito no versículo 1 da profecia da vidente.

Ao longo desse caminho, o declínio dos deuses parece inevitável. Sua morte significa o despertar da consciência-eu. Mas, em nossa época, um passo essencial pode seguir-se, desde que o homem dele participe: a ressurreição do divino no homem.

Nessa condição, a consciência-eu apresenta uma forte resistência aos impulsos de desenvolvimento do Espírito. Ela é ao mesmo tempo a substância que deve ser formada. Por três vezes ela é queimada, e a cada vez, renasce das cinzas, da escuridão. Não está aí o processo de purificação nas retortas dos alquimistas? O mito de Prometeu relata o mesmo acontecimento: Prometeu, acorrentado aos rochedos, deve sacrificar o fígado – sede das paixões e dos instintos. Uma águia desce e arranca-lhe o fígado do corpo, mas durante “a noite” ele volta a crescer. As forças da consciência que desperta estão em conflito com as forças do inconsciente ☸



RESENHA DE LIVRO: A ESTRANHA VIDA DE IVAN OSOKIN

repetições sem sentido

“Apenas conhecimento não basta para os que buscam por libertação.” O autor P.D. Ouspensky interpreta essa frase de Gurdjieff como um equilíbrio entre “saber e ser”, pois “ser” determina o “saber” que o homem pode apreender, enquanto “saber” torna possível um novo estado de ser.

No romance *A estranha vida de Ivan Osokin* (1946), P.D. Ouspensky descreve a viagem de um homem através das provas da vida. O autor o faz girar indefinidamente em um círculo associado a experiências repetitivas de batalhas perdidas para encontrar o sentido da existência. Em uma de suas vidas, descontente com a situação em que novamente se encontra, ele encontra um mestre, que é também um mago, um ser conhecedor dos mistérios da vida. Como Ivan ainda acredita poder encontrar a felicidade no plano horizontal, pede-lhe ajuda nesse plano, na esperança de que tudo irá melhorar se tiver mais uma chance. Embora o mago possa ajudá-lo, não pode dar-lhe algo que ele ainda não deseja, do qual ainda não está consciente. Entretanto, oferece a Ivan o que ele lhe pede: uma chance, e outra, e outra... embora saiba que isso é em vão. Dessa forma, as experiências de Osokin repetem-se, e os resultados são sempre os mesmos. Ele tem a impressão de que, prestes a alcançar a felicidade, ela sempre lhe escapa por pouco.

Zenaide é outra personagem importante do romance. Ela é a mulher de sua vida, e a relação de Ivan com essa jovem é muito particular. Ele tem a sensação de conhecê-la. Entretanto, ainda que não viva com ela, nunca consegue explicar de modo racional por que razão isso é impossível no momento.

Zenaide significa “aquela que pertence a Zeus”. Ela representa, portanto, o elemento espiritual do ser humano: o aspecto feminino imortal que quer religar-se à personalidade. Embora sintasse atraído por ela, Osokin não tem condição de responder a seu chamado. Tudo é pretexto para fugir dela. Ao mesmo tempo perturbado e descontente consigo mesmo, Osokin não cessa de perdê-la. E sempre acaba procurando o mago para uma nova tentativa.

É evidente que nada muda de fato. E tudo permanece como um sonho não realizado. A solução do problema não se encontra no plano do próprio problema. As situações são sempre o reflexo da realidade interior. Elas pertencem ao domínio das causas e efeitos. Até que a estru-

tura da personalidade não mude de maneira essencial, a vida permanece inalterada. A luz apenas pode auxiliar ao ser humano que verdadeiramente percebe que as tentativas feitas em bases errôneas não levam a nada. Elas não levam a nada até que ele perceba estar preso entre as limitações e o desejo de libertação; ele aprenderá a reconhecer esse fato em vários níveis. Mas trata-se de qual libertação? E do que queremos libertar-nos?

Tendo buscado o mago um número incalculável de vezes, Osokin termina então por compreender, por lembrar-se, por ter um sentimento de *déjà-vu*: tudo já aconteceu e acontecerá de novo se nada mudar fundamentalmente nele. Sim, nada a seu redor mudará se ele mesmo não começar a mudar.

Tal mudança apenas é possível se ele render-se a essa outra energia, a essa energia não terrestre que ele invoca em vão há tantos anos sem resultado; ou que ele não soube empregar da maneira correta. É preciso, a partir de agora, fazer o sacrifício de sua vontade, renunciar a suas posições, a seus talentos, a seu eu. Somente assim a força poderá agir por meio dele em seu benefício. Trata-se de libertar-se do eu, e não de o eu libertar-se. O mago explica a Osokin que ao homem é dado apenas aquilo que ele é capaz de utilizar, e ele apenas é capaz de utilizá-lo se tiver sacrificado algo em troca.

É esperado do ser humano um sacrifício sétu-plo, o sacrifício de tudo o que ele é como ser terreno. Os anos de vida que o mago deseja que Osokin lhe consagre simbolizam esse sacrifício. Trata-se de dar a fim de estar em condição de receber. Tudo dar para tudo receber.

Osokin está diante da decisão de tentar “conservar” outra vez a vida com as forças terrestres e conseguir ficar com Zenaide. Ou ousará ele dar um novo passo, entregando-se a uma força que não provém do padrão habitual deste mundo? É dito: “Mas, buscai primeiro o reino de Deus,



P.D. Ouspensky (1878 - 1947)

e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”. Compreenderá ele que servir ao princípio divino é ofertar a si mesmo? Todo buscador é confrontado com tal decisão. Aí se encontra o paradoxo dos místicos: “Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida, por amor de mim, achá-la-á”.

Esse é o único caminho da liberdade. Ele consiste na compreensão dos limites do estado presente, no desejo de mudança e na confiança da energia do outro reino em nós. Concretamente, a rendição é colocar em concordância a vida



exterior e interior com os princípios fundamentais do outro reino. Esses princípios, ocultos no coração, o ponto central do microcosmo, manifestam-se do interior para o exterior.

Os desejos efêmeros da personalidade desvanecem diante do desejo original da alma, que está cansada de tudo que não tem sentido. A alma busca a vida da região do Espírito divino, porque esse é seu destino. Quem começa a mudar responde ao chamado para a gênese de um novo homem, o qual cessa de girar na roda do nas-

cimento e da morte para construir, assim, sobre bases imutáveis e unir-se aos que formam uma unidade na eternidade.

O SENTIDO DO SACRIFÍCIO (fragmento)

“O que é preciso para fazer que as coisas comecem a mudar?”, indaga Ivan Osokin. Ele imagina que o mago vá responder-lhe com uma de suas sentenças habituais muito inteligentes, mas quase incompre-

O pintor espanhol José Roberto Torrent Prats (1904–1990) tenta, nessas paisagens, exprimir a solidão existencial do homem. Em seus anos de juventude, ele pintava à maneira impressionista, mas desenvolveu a seguir um estilo expressionista próprio, no qual os sentimentos humanos podiam ressoar de maneira precisa. Ele nasceu na ilha de Minorca, onde viveu e trabalhou durante toda a vida.

ensíveis para ele, como: “Se você se torna diferente, todo o restante se torna diferente”.

Mas o mago lhe diz algo que ele não tinha previsto: “Você deve compreender que você nada pode mudar e que precisa procurar ajuda. E deve ser uma compreensão muito profunda, pois não basta compreender hoje para esquecer amanhã. É preciso viver com essa compreensão”. “Sim, mas que quer dizer ‘viver com essa compreensão?’”, pergunta Osokin, “E quem pode ajudar-me?”

“Eu posso ajudar você”, responde o mago, e “viver dessa compreensão significa sacrificar algo grande para isso, não uma só vez, mas continuar a fazer sacrifícios até que você consiga o que deseja”.

“Você fala em charadas! – responde Osokin. Que posso sacrificar? Eu não tenho nada!” “Todos têm algo a oferecer,” responde o mago, “exceto os que não podem ser ajudados. É obvio que é impossível dizer antecipadamente o que alguém poderá receber em troca de seu sacrifício. [...] O que digo lhe parece estranho porque você nunca refletiu sobre essas coisas da maneira correta. Além do mais, apenas pensar não ajuda. E para aprender é preciso fazer sacrifícios. Nada pode ser adquirido sem sacrifícios. É isso que você não compreende, e, enquanto não compreender, nada pode ser feito. Mesmo se eu quisesse dar-lhe qualquer coisa que você desejasse, sem haver nenhum sacrifício de sua parte, eu não poderia fazê-lo. Um homem ape-

nas pode receber o que é capaz de utilizar, e ele apenas é capaz de utilizá-lo se tiver sacrificado algo em troca. Essa é a lei da natureza humana.”

“Não há outros meios?”, pergunta Osokin. “Você quer dizer meios que não necessitem nenhum sacrifício? Não, não há! Ademais, você não está compreendendo o que está perguntando. Você não pode ter resultados sem causas. Pelo seu sacrifício você cria causas. Há várias maneiras, mas diferem apenas na forma, magnitude e finalidade do sacrifício. Na maioria dos casos, é preciso abrir mão de uma vez, e não esperar nada.

Uma canção dervixe diz o seguinte:

“Por meio de quatro renúncias
eleva-te à perfeição.
Despede-te da vida sem arrependimentos.
Não esperes nenhuma recompensa nos céus”.
[...]

“Eis a questão: o que sacrificar e como sacrificar. Você diz que nada possui. Não é bem assim. Você tem sua vida. Você pode, portanto, sacrificar sua vida. É um preço bem pequeno a pagar, uma vez que tinha intenção de livrar-se dela de qualquer forma. [Osokin queria cometer suicídio]

Dê-me então sua vida e verei o que pode ser feito de você. Quero até deixar as coisas mais fáceis para você. Não lhe pedirei toda a sua vida. Vinte ou apenas quinze anos dela serão

Os desejos efêmeros da personalidade desvanecem diante do desejo original da alma

suficientes. Mas durante esses anos, você me pertencerá. Quero dizer que você deverá fazer tudo o que eu disser, sem evasivas nem desculpas. Se você mantiver sua parte do acordo, eu também mantereirei a minha. Tendo findado esse tempo, você poderá utilizar seu conhecimento por você mesmo. É uma sorte você poder ser-me útil exatamente agora – não imediatamente, com certeza, mas posso aguardar, se for necessário. Então, agora você sabe o que tem de sacrificar. [...] E agora é necessário pensar em você. Quinze anos podem parecer-lhe um tempo longo, porque você ainda é muito jovem, porém mais tarde verá como é curto, sobretudo quando perceber o que pode receber por ele. Então, vá para casa e reflita.

Quando tiver compreendido e colocado tudo o que lhe disse na ordem correta, venha aqui dizer-me qual foi sua decisão.

Posso ainda acrescentar uma coisa: como todo mundo, você acredita que haja muitas maneiras diferentes de fazer a mesma coisa. Você

deve aprender a compreender que há sempre e apenas uma maneira de fazer algo, que não pode haver duas. Mas não lhe será fácil chegar a isso. Por muito tempo haverá grandes debates interiormente. Tudo isso precisa ser destruído. Somente então você estará pronto para o verdadeiro trabalho.” ✪



Capa de uma edição holandesa de 1976 do livro *A estranha vida de Ivan Osokin*

A Pentagrama Publicações o convida a conhecer seu mais recente lançamento:

A GRANDE REVOLUÇÃO

de J. VAN RUCKENBORGH e CATHAROSE DE PETRI

A passagem da Era de Peixes
para a Era de Aquário

Grandes alterações na
atmosfera terrestre trazem
consequências físicas e
psíquicas. A humanidade
poderá apegar-se às
profecias catastróficas
ou enxergar as
novas oportunidades
de transcender
e alcançar a real
libertação espiritual.

R\$ 44,00



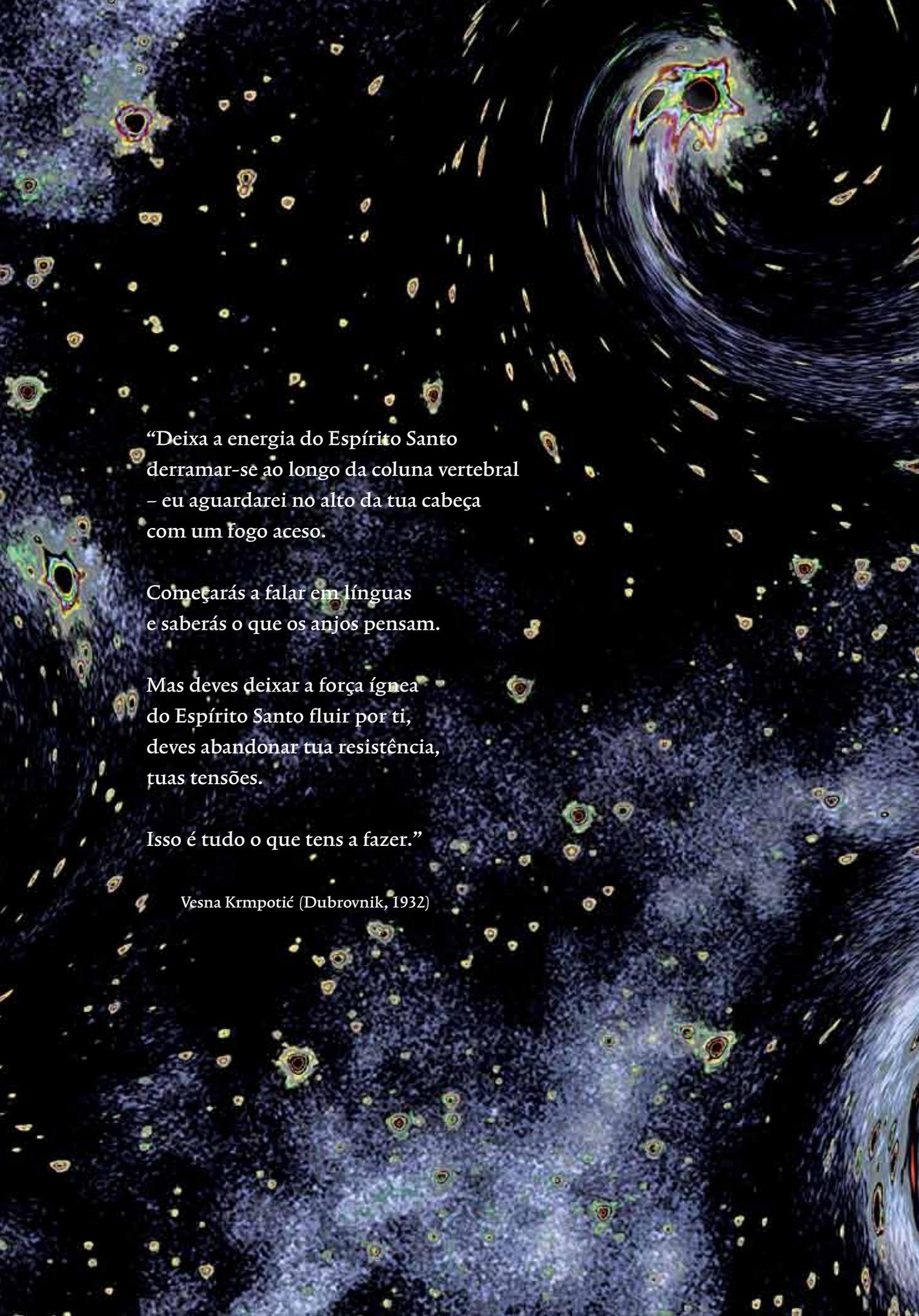
nova edição

176 págs.

ISBN 978-85-62923-06-7



Pentagrama



“Deixa a energia do Espírito Santo
derramar-se ao longo da coluna vertebral
– eu aguardarei no alto da tua cabeça
com um fogo aceso.

Começarás a falar em línguas
e saberás o que os anjos pensam.

Mas deves deixar a força ígnea
do Espírito Santo fluir por ti,
deves abandonar tua resistência,
tuas tensões.

Isso é tudo o que tens a fazer.”

Vesna Krmpotić (Dubrovnik, 1932)